

Mato Grosso do Sul contribui para que safra brasileira seja de recordes

Revista Produção Rural

INFORMAÇÃO DE QUALIDADE PARA O AGRONEGÓCIO

www.revistaproducaorural.com.br

Ano II - Edição 07 - 2016 - Distribuição Gratuita

**Mitos e verdades
sobre o clima
de Dourados**

ENTREVISTA
**Roberto
Rodrigues**

**Números positivos
na agropecuária
sul-mato-grossense**



FUNDAÇÃO MS:

MAIS QUE UMA ALIADA DO AGRONEGÓCIO

E MAIS:

ORGÂNICOS, ANDROLOGIA BOVINA, FEIJÃO, PEIXES, CARNES, SILVICULTURA E COINOCULAÇÕES



AJUSTE

AGRICULTURA DE PRECISÃO

Rua Faustina de Andrade da Silva, 220A
(67) 3461-7520 - Centro | Navirai - MS

Tem um mundo de
oportunidades para
sua empresa. Conte com
a gente para chegar
até elas.



O aluguel de carros Localiza leva a sua empresa mais longe. Estamos ao seu lado 24h por dia com a frota e as soluções ideais para você ganhar produtividade e reduzir custos.

Em Naviraí:

Rua Aparecido Rosa, 33 - (67) 3409-2727

LOCALIZA EMPRESA

Aluguel diário ou mensal.
Consulte sua melhor opção.

www.localiza.com/empresa
0800 707 1250

 **Localiza**
Aluguel de Carros

A MELHOR TECNOLOGIA
QUE PROPORCIONA EFICIÊNCIA
E LUCRATIVIDADE NO CAMPO.



Revenda autorizada



LS Tractor

DATTA - Rua Coronel Ponciano, 700 - Pq. dos Jequitibás | (67) 3423-6225 / 3423-6224 | Dourados-MS



TECNOLOGIA
É NOSSO **NEGÓCIO**



SHOWTEC

2016

20 a 22 de JANEIRO
MARACAJU_{MS}

REALIZAÇÃO



PROMOÇÃO



APOIO





Edição 007 - Ano 2 - 2016
CNPJ: 73.606.279/0001-25
Rua Riachuelo nº 260 - Fundos
79950-000 - Naviraí - MS

www.revistaproducaorural.com.br
f Revista Produção Rural
(67) 3461-1118

TIRAGEM

4.000 exemplares

DIREÇÃO E EDIÇÃO

Wilson Luis Pereira Leite

PROJETO GRÁFICO

d.Orsi Criação e Design

JORNALISTAS

Antonio Castanha Filho
Jornalista MTb 9.447-PR
Gabriela Borsari
DRT/MS 510

COLABORADORES

Vera Lúcia Palacio Antonini
Gabriela Borsari
Antonio Castanho
Colaboradores:
Roberto Rodrigues

IMPRESSÃO

Gráfica Regente

FOTOS

Capa Wilson Luís, Banco de imagens
Divulgação

ANUNCIE

(67) 3461-1118 | (67) 9977-2046
contato@revistaproducaorural.com.br

A revista não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nos artigos assinados. É vedada a reprodução parcial ou total de qualquer conteúdo sem autorização expressa.

WLC
editora

EDITORIAL

Um balanço positivo

Apesar de todos os pesares a agronegócio sul-mato-grossense segue firme e fecha o turbulento ano de 2015 com números extremamente positivos. Sim, o produtor rural resiste bravamente às intempéries e coloca seu foco em resultados que contrariam previsões pessimistas, fazendo aquilo que mais sabe fazer: trabalhar de sol a sol.

É evidente que o Brasil passa por um período de instabilidades e incertezas, que dificultam o exercício árduo de vencer um dia após o outro. Com investimentos limitadíssimos por parte dos governos, ruralistas dão o sangue para manterem-se com a cabeça fora d'água, porém a determinação que trazem em seu DNA surte efeito e mais uma vez a esperança em tempos melhores converte-se em conquistas.

Os números – positivos – podem ser verificados tanto na produção realizada pelos agricultores familiares, quanto nos feitos dos grandes produtores de milho e soja. O alento destes guerreiros vem de instituições como a Fundação MS e a Embrapa Oeste, dentre outras, que representam verdadeiras defensoras daqueles que trabalham para alimentar o Brasil. Nesta edição o leitor poderá acompanhar alguns dos importantes trabalhos – e os grandes resultados reais vividos em Mato Grosso do Sul.

E por falar na Fundação MS, trazemos uma matéria incrível sobre esta que é uma das mais importantes instituições aliadas do produtor rural no desenvolvimento de tecnologias para fomento do agronegócio, com suas realizações que auxiliam o trabalho no campo. Temos a satisfação de apresentar ainda uma entrevista com o ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, um dos maiores conhecedores do setor. Homem de visão e de ações, o engenheiro agrônomo participa ainda com um artigo imperdível. Atenção para os temas como a mudança no padrão de consumo do brasileiro, que projeta um crescimento de 80% no agronegócio, e o manejo de pragas e a produção orgânica que são contrapontos ao uso de agrotóxicos. Conheça também os mitos e verdades sobre o clima na região de Dourados.

Estamos em nossa sétima edição, que chega para abrir o ano de 2016 carregada de boas energias, que convertem-se em materiais de grande interesse de quem vive o agronegócio em todas as suas mais diversas formas. Temos certeza de que este ano será realmente especial para todos os que lutam incansavelmente por um País mais justo.

Acreditamos que este será um ano de profundas mudanças, porque sabemos da força que tem o homem do campo. Feliz 2016 e um brinde às grandes conquistas. Boa leitura!



ENTREVISTA:
Brasil precisa
crescer 40%
até 2020

Página 8



SEM AGROTÓXICOS
Manejo de pragas e
produção orgânica

Página 27



Mais carne brasileira
mundo afora

Página 42

Números positivos
na agropecuária
sul-mato-grossense

Página 11



Dobra o número
de exportadores
brasileiros

Página 30



Material genético
bovino e bubalino
para a Costa Rica

Página 46



Artigo: Um
campeonato
para ganhar

Página 13



**A IMPORTÂNCIA DO EXAME
ANDROLÓGICO**

Página 32



ESPECIAL: Fundação MS é
aliada do produtor

Página 16



Muitas vantagens
ao produzir feijão

Página 36



Governo vai contratar
80 mil pessoas para o
Censo Agropecuário

Página 50



Crescimento
de 80% no
agronegócio

Página 23



Por que a
piscicultura está
retraída em MS?

Página 39

**MITOS E VERDADES
SOBRE O CLIMA
DE DOURADOS**

Página 24



TECNOLOGIA:
Coinoculação para
alto rendimento e
sustentabilidade

Página 62

“Brasil tem de crescer 40% até 2020”



Agrônomo, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (Fundação Getúlio Vargas), embaixador especial da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura para as cooperativas e ex-ministro da Agricultura Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues esteve em Campo Grande e concedeu entrevista à Revista Produção Rural. Sua visão sobre o cenário econômico brasileiro e suas observações sobre o setor agrícola representam uma oportunidade de ganhar conhecimento com um dos maiores especialistas em agronegócios do Brasil.

Revista Produção Rural – O mundo contemporâneo vive uma grande crise, como o agronegócio pode auxiliar?

Roberto Rodrigues – Segurança Alimentar é um tema contemporâneo, pois garante a paz no mundo, não há paz onde há fome. Garantir paz é ter alimento para todos. A crescente demanda global por comida só aumenta devido ao crescimento populacional e incremento de renda das pessoas e com isso o consumo sobe. O Brasil terá um desafio notável nos próximos anos, pois até 2020, segundo a FAO, a demanda por alimentos deve crescer 20% e para suprir isso, o Brasil tem que crescer 40%. Somos o único país que possui terra, tecnologia tropical e mão de obra para atender essa demanda, mas para isso precisamos de uma estratégia de políticas públicas bem elaborada e articulada.

RPR – Como a economia mundial deve se comportar nos próximos anos?

RR – Entender o comportamento das variáveis macroeconômicas afeta nossa vida e negócios. E para os próximos anos seremos impactados pela mudança do eixo comercial mundial; pela desaceleração da economia chinesa; política monetária norte-americana mais

restritiva; dívida da zona do Euro; mudança na pirâmide etária; urbanização dos países emergentes; a tendência de mais informação e menos cultura; tecnologia e redes sociais; crescimento do protecionismo e acordos bilaterais.

RPR – Sabemos do potencial do agronegócio brasileiro, mas até onde ele é capaz de sustentar a economia brasileira?

RR – A agronegócio brasileiro em 2014 representou 24% do PIB, 30% dos empregos e 43% das exportações, é muita coisa. A agricultura brasileira é a mais sustentável do mundo, pois em 25 anos cresceu 234%, aumentando apenas 50% de área. A região Centro-Oeste tem um grande desempenho, neste período cresceu mais de 500% o volume de grãos produzidos.

O produtor rural brasileiro já faz um excelente trabalho, o setor precisa de estratégias que contemplem a logística e outros gargalos que ainda emperam um crescimento ainda maior

RPR – Como o Brasil fica nesse cenário?

RR – O Brasil faz parte de um grupo de países com grande potencial econômico, no qual apenas cinco no mundo possuem uma superfície agrícola com

mais de 140 milhões de hectares, população urbana com mais de 80 milhões de pessoas e um PIB maior que US\$ 1 trilhão. Neste seleto grupo estão: Brasil, China, Estados Unidos, Índia e Rússia. Mesmo com estas características positivas, o Brasil teve um rebaixamento do rating, saindo de BBB+ para BB-, com isso perdeu o selo de bom pagador e pela Fitch o país caiu de BBB para BBB-, último grau antes do nível especulativo. Os projetos de logística, a tomada de recursos para custeio da safra e agroindústria podem ser os segmentos mais prejudicados com o rebaixamento da nota. Com isso, o produtor deve ter uma gestão de caixa muito bem feita para evitar o endividamento.

RPR – Quais são as próximas tendências?

RR – Essa tendência global de excesso e rapidez de informações dificultam o surgimento de pessoas que liderem, por isso acredito numa liderança de rede, como o cooperativismo. É a melhor alternativa para isso, pois somos o maior exército do mundo sob uma doutrina econômica não religiosa. Somos mais de 1 bilhão de pessoas e considerando suas famílias, chegamos a 4 bilhões, mais da metade da população mundial.

■ ■ ■ ■ ■





Agropecuária sul-mato-grossense deve registrar números positivos

Previsão da Famasul é de que o Valor Bruto de Produção no Estado deve ultrapassar R\$ 25 bilhões em 2016

Ainda resistente aos efeitos da atual crise econômica, a agropecuária em Mato Grosso do Sul deve registrar números positivos em 2016. A previsão do Departamento Econômico do Sistema Famasul (Federação da Agricultura e Pecuária de MS) é de que o Valor Bruto de Produção (VBP) do setor encerre o próximo ano na casa dos R\$ 25 bilhões, resultado superior aos valores contabilizados nos anos anteriores.

O Valor Bruto da Produção é o resultado da multiplicação das quantidades de produtos vendidos pelos seus preços, ou seja, o faturamento bruto de todas as unidades produtoras, mais os valores de produtos que não são comercializados, mas que tem preços imputados, como por exemplo, autoconsumo dos produtores rurais. O VBP projetado para 2016, de R\$ 25 bilhões, é aproximadamente 11% maior que o patamar apontado para 2015, de R\$ 22,8 bilhões.

Para a gestora do Departamento Econômico do Sistema Famasul, Adriana Mascarenhas, apesar da projeção positiva, o setor poderia ter um desempenho melhor senão fosse a atual conjuntura econômica. “O agronegócio não é imune à crise, porém por ser um setor altamente eficiente e competitivo tem

apresentado certa vantagem diante de outros setores e é por isso que continuamos crescendo. É preciso que o produtor fique atento e bem informado já que em 2016 os custos de produção, influenciados pela alta do dólar, devem deixar a margem de lucro mais estreita”, salienta.

Em relação a 2014, quando o VBP da agropecuária somou R\$ 20,3 bilhões, o incremento é de 24,5% em comparação ao que é esperado para 2016. Especificamente para a pecuária, a projeção é que o VBP some R\$ 9,3 bilhões. Enquanto que para a agricultura, o esperado é que o indicador atinja cerca de R\$ 16 bilhões. Os dois segmentos ultrapassarão os números dos anos anteriores, segundo as informações do Sistema Famasul.

A agricultura, composta pelos dados referentes à soja, milho, cana-de-açúcar e silvicultura, responde por 63,2% da formação do VBP, enquanto que o complexo pecuário, que abrange bovinos, leite, aves e suínos, responde por 36,8%. Outros dados interessantes foram apresentados, como o crescimento da produção por produto. A soja cresceu 16,7%, o milho 10,7% e a cana-de-açúcar 3,55%. Em relação aos preços, também houve crescimento, da soja 5,13%, do milho 5,27% e da cana 3,23%.



Um campeonato para ganhar

Em dezembro passado aconteceu em Paris a COP 21, mais um esforço de governos do mundo todo em favor da preservação dos recursos naturais, tendo em vista a real sustentabilidade da vida no nosso planeta Terra. Trata-se de tema fundamental para a definição da qualidade das atividades econômicas rurais e urbanas destinadas à produção e distribuição de bens e serviços necessários para a sobrevivência da humanidade, de tal forma que essas atividades sejam compatíveis com a defesa do meio ambiente no qual vivemos e no qual as gerações futuras deverão encontrar paz.

Não foi fácil em Paris, como também não tinha sido fácil antes em Kioto, em Copenhague e até mesmo na Rio +20 realizada no Brasil em 2012, encontrar consenso nos compromissos de todos os países com a redução das emissões de gases de efeito estufa, em geral representados pelo CO₂ ou equivalente.

Os países desenvolvidos procuram sempre jogar a maior responsabilidade pela redução das emissões nas costas dos países em desenvolvimento, os quais reclamam que a maior poluição é provocada por aqueles, e que não pode ser impedido o progresso dos mais pobres por limitações de caráter ambiental que não foram respeitadas pelos mais ricos no passado.

É esse o debate principal: os países ricos dificultam o acordo porque não querem perder suas conquistas, e os mais pobres dificultam porque querem também obter as mesmas conquistas. E ninguém aceita ceder.

Felizmente, desta vez os Estados

Unidos e a China concordaram em melhorar suas ofertas, de modo que o resultado da COP 21 foi mais consistente que os das rodadas anteriores, os compromissos foram mais firmes e podemos esperar que novas políticas globais orientarão a melhor forma de seguir sustentando o progresso da humanidade.

Neste cenário, o Brasil jogou um importante papel, assumiu compromissos factíveis e mostrou que a nossa agropecuária é extremamente sustentável.

Os números deixam isso claro. De 1990 para cá, em 25 anos portanto, nossa área plantada com grãos cresceu 53% e a produção aumentou 260%. Isso se deveu a uma notável tecnologia tropical desenvolvida em nosso órgãos públicos federais de pesquisas agropecuárias liderados pela EMBRAPA, nossos Institutos estaduais de desenvolvimento tecnológico, e também com importante protagonismo de nossas Universidades e empresas privadas.

Se esses números já chamam a atenção do mundo, mais importante ainda é o seguinte: cultivamos atualmente 58 milhões de hectares com grãos em todo o país; se tivéssemos hoje a mesma produtividade por hectare que tínhamos em 1990, seriam necessários mais 78 milhões de hectares para colhermos a safra de 2015. Em outras palavras, nós preservamos 78 milhões de hectares, produzindo mais por hectare.

A mesma coisa aconteceu com a produção de carnes (bovina, suína e de frangos), com a produção de cana e de papel e celulose.

O etanol, por outro lado, apesar do

descaso do governo federal, emite apenas 11% do CO₂ que a gasolina emite, melhorando as condições de poluição, especialmente urbana, e ajudando firmemente o combate a doenças respiratórias.

O Plano ABC - Agricultura de Baixo Carbono é uma bela demonstração de sustentabilidade de nossa agropecuária, especialmente os programas de integração lavoura-pecuária-floresta e a recuperação de pastagens. A redução do desmatamento ilegal também mostrou nosso compromisso com a defesa da floresta tropical, aliás, bem determinada pelo nosso Código Florestal. Ainda há muito que podemos fazer, especialmente a criação do Pagamento Por Serviços Ambientais, previsto no Código, além de novas e mais sustentáveis tecnologias. Temos que agilizar o registro de novas moléculas de defensivos agrícolas mais modernas e menos agressivas ao meio ambiente.

O Brasil tem mostrado ao mundo, afinal de contas, que tem condições inequívocas de produzir sustentavelmente tanto alimentos quanto fibras e energia. E mais do que isso: tem plenas condições de atender a uma extraordinária demanda global por alimentos de qualidade. Não se trata apenas de segurança alimentar, mas também de segurança dos alimentos. Mas segurança alimentar é a única forma de garantir paz universal. Não haverá paz enquanto houver fome, e as guerras que o mundo hoje assiste são a prova disso. Nosso país pode ser o campeão mundial da segurança alimentar e, portanto, ser o campeão mundial da paz. Boa parte



do que precisamos para isso está feito, especialmente no terreno da tecnologia tropical sustentável. Falta agora uma estratégia articulada para avançarmos muito mais: falta logística adequada, falta uma política de renda com seguro funcional e crédito desburocratizado, falta uma política comercial mais agressiva que abra mercados via acordos bilaterais com grandes países consumidores, faltam recursos para tecnologia e defesa sanitária, falta modernizar legislações obsoletas (como a trabalhista que precisa ser flexibilizada), falta ainda muito para sermos esse campeão mundial. Mas temos uma

Ministra da Agricultura que conhece estes problemas todos e está empenhada em resolvê-los. Temos uma Frente Parlamentar Agropecuária bastante comprometida com o setor, lutando todos os dias dentro do Congresso Nacional. Temos instituições sólidas no agronegócio que nos representam com vigor e excelência, como a CNA, a OCB, a ABAG, a SRB, a APROSOJA, a ABRAPA, a ORPLANA, entre tantas outras.

Temos que trabalhar todos juntos e com firmeza na mesma direção. E seremos campeões mundiais da Paz! Pode haver melhor desafio? Mãos à obra!!!

■ ■ ■ ■ ■



Roberto Rodrigues, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio

Safra de soja 2015/2016 promete ser histórica em Mato Grosso do Sul

Produtor sul-mato-grossense investiu em tecnologia, escolhendo variedades mais resistentes

Mato Grosso do Sul atinge 2,4 milhões de hectares de área disponibilizada para plantio de soja na safra 2015/2016, 100 mil hectares a mais que no ciclo passado, o que representa um aumento de 4% nesta que deverá ser a maior safra da história no Estado. Os números são preliminares. Entretanto, a estimativa é que podem ser ainda maiores. A previsão é que a produção supere 7,3 milhões de toneladas do grão, acréscimo de 6% frente 2014/15.

Os dados são da Aprosoja/MS (Associação dos Produtores de Soja de MS). "Este foi um ano muito bom para a agricultura no Estado. O produtor sul-mato-grossense investiu em tecnologia, escolhendo variedades mais resistentes de soja e já se prepara para um excelente ciclo de milho, com projeção de 9 milhões de toneladas, aumento de 9% se comparado ao ciclo anterior. Ele enfrenta o El Niño mais intenso dos últimos anos e ainda tem que lidar com as variações do câmbio, tanto na aquisição de insumos como na comercialização do grão. Como produtor e representante de uma entidade que prioriza o agricultor posso dizer que concluímos com êxito o plantio

de soja desta temporada", ressalta o presidente da Aprosoja/MS, Christiano Bortolotto. Ele ainda destacou que 72 municípios do Estado possuem a cultura da soja, ou seja, mais de 90% de MS.

O milho safrinha também teve crescimento, a área plantada teve um incremento de 5,2% e a produção mais de 9%. Novamente um aumento na produtividade por área, o que mostra que o uso de tecnologia por parte dos produtores está em todas as culturas.

Os dados apontados são do Siga – Sistema de Informação Geográfica do Agronegócio, ferramenta criada e mantida pela Associação que monitora 70% dos municípios produtores de soja. Somente este ano as quatro equipes de técnicos que abastecem o Siga visitaram propriedades rurais em 45 municípios, acompanhamento que corresponde a 2,1 milhões de hectares. "As informações disponibilizadas ajudam o agricultor na tomada de decisão, quanto a técnicas de manejo, por exemplo. Isso faz com que ele se torne mais competitivo no campo e no mercado", complementa Bortolotto.

■ ■ ■ ■ ■

Com informações da Assessoria de Imprensa/Famasul

Elétrica Zan
MATERIAIS ELÉTRICOS E HIDRÁULICOS

- Painéis e quadros
- Quadro para incêndio
- Quadro para bombas
- Quadro para ar-condicionado
- Potência e iluminação
- Pannel QGDBT
- Distribuição com transferência
- Distribuição
- Controles eletrônicos
- Comandos elétricos



Av. Marcelino Pires, 4391
Vila Alba - CEP 79833-000
(67) 3033-8001
(67) 9625-1255 (Waldinei)



Fundação MS desenvolve pesquisas que auxiliam o trabalho no campo

Instituição é aliada do produtor no desenvolvimento de tecnologias para fomento do agronegócio

Todos os segmentos da economia precisam de novas tecnologias para desenvolver e crescer, mas o ramo da pesquisa no Brasil ainda é muito carente de investimentos. No agronegócio, devido a mudanças de solo, clima e pragas, além da competitividade de mercado são ainda mais preponderantes linhas de pesquisa para o desenvolvimento de novas técnicas e ferramentas. No Mato Grosso do Sul, o produtor pode contar com a Fundação MS, que foi fundada em 1992, e é uma empresa privada, sem fins lucrativos e de Utilidade Pública Federal. Foi criada por produtores rurais, com o objetivo de gerar e adaptar tecnologias para apoiar o expressivo crescimento na área cultivada em Mato Grosso do Sul.

A difusão dos resultados de pesquisa e de novas tecnologias sempre foi uma prioridade. Assim surgiram os tradicionais dias de campo e seminários de apresentação de resultados de safra e safrinha. Em 1995, a Fundação MS criou o Showtec, um evento de demonstração e discussão de tecnologias e inovações para os produtores rurais. Hoje está entre os dez maiores eventos de tecnologias para o setor agropecuário no Brasil. "A Fundação MS é de extrema importância para o produtor, pois ela avalia e testa diversas tecnologias em ambientes distintos para que o produtor possa adquirir a opção certa para a sua propriedade. É o ajuste fino para a eficiência na produção", explica o presidente da instituição,

Luis Alberto Moraes Novaes.

O engenheiro agrônomo assumiu a presidência em 2011, quando a Fundação MS teve alteração em seu Estatuto e Organograma, sendo estabelecidos como Mantenedores Institucionais a Federação da Agricultura de Mato Grosso do Sul (Famasul), a Organização das Cooperativas do Brasil – Mato Grosso do Sul (OCB-MS) e a Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso do Sul (Aprosoja-MS). Foi instituído, ainda, o grupo de Mantenedores Produtores Rurais, constituído por produtores que contribuem espontaneamente para a Fundação MS, com cotas proporcionais ao tamanho de suas áreas. Este grupo de produtores rurais, juntamente com



as empresas de Assistência Técnica Conveniadas tem acesso privilegiado às informações geradas pela Fundação MS bem como entrada nos eventos exclusivos por ela organizados.

Esta importante contribuição auxilia na manutenção das atividades da Fundação MS, assegurando a execução dos trabalhos de pesquisa com foco nas demandas locais. Em busca da difusão de tecnologias, a Fundação MS realiza palestras, fóruns de discussão e pública boletins técnicos, cumprindo seu papel de apoiar o produtor rural. Atualmente com 50 funcionários, sendo seis pesquisadores, a Fundação MS desenvolve trabalhos de pesquisa nas áreas de Fitotecnia Soja, Fitotecnia Milho, Fertilidade e Manejo do Solo, Fitossanidade, Sistemas Integrados, Agroenergia e Culturas de Inverno.

Segundo o presidente da Fundação MS, em 2016 a instituição preten-

de dar continuidade nas pesquisas, sendo 21 mil parcelas de pesquisas em 12 unidades, envolvendo 1 milhão de hectares de soja. Ainda estão previstas novas parcerias, como uma nova unidade na Embrapa em Campo Grande, desenvolvendo projetos em ILP (Integração Lavoura e Pecuária). "Ainda precisamos de muito mais recursos para desenvolver pesquisas na área, é necessária uma conscientização da sociedade para enxergar que todos ganham com o desenvolvimento do agronegócio, que mesmo sentindo menos os impactos da crise, vive um período de cautela. Esperamos não diminuir os investimentos e poder trazer cada vez mais tecnologia de ponta aos produtores do MS", declarou Novaes.

Desde o início a Fundação MS focou no desenvolvimento do sistema plantio direto e na busca por alternativas para a rotação de culturas e co-

bertura do solo no outono-inverno. Foi pioneira nas pesquisas com sistemas integrados lavoura-pecuária e lavoura-pecuária-floresta. Trabalhou para a adaptação de variedades de soja, buscando materiais mais precoces e produtivos, o que possibilitou a introdução e consolidação do milho safrinha. Lançou variedades de aveia branca (*Avena sativa*) e ervilhaca peluda (*Vicia villosa*) e a primeira variedade de crambe (*Crambe abyssinica*) registrada no Brasil, oleaginosa alternativa de outono-inverno. Através de seus trabalhos de pesquisa posicionou, de forma isenta, corretivos e fertilizantes, assim como produtos para proteção de plantas. As informações foram sistematizadas na forma de publicações, com a criação dos anuários "Tecnologia e Produção: Soja e Milho" e "Tecnologia e Produção: Milho Safrinha e Culturas de Inverno".



Sistema Plantio Direto

O Sistema Plantio Direto (SPD) baseia-se no não revolvimento e na constante cobertura do solo. Preconiza, ainda, a rotação de culturas. Promove a proteção do solo contra a erosão, a preservação da matéria orgânica e da biota, a melhoria da qualidade física e da ciclagem de nutrientes. De acordo com a Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha (Febrapdp), estima-se que haja no Brasil mais de 25 milhões de hectares em SPD. Isto equivale a cerca de 50% da área com culturas anuais no país.

SISTEMAS INTEGRADOS

Integração Lavoura-Pecuária

Combinação de períodos intercalados com culturas anuais e pastagens na mesma área. São vários os sistemas, de acordo com as especificidades dos produtores. Os períodos de lavoura e de pastagem podem variar de um a quatro anos.

1. As culturas anuais permitem maiores investimentos em correção e adubação, melhorando o nível de fertilidade do solo para os ciclos de pastagem. Isso possibilita pastagens mais produtivas e eleva a taxa de lotação, ganho de peso e rentabilidade por área.

2. As pastagens melhoram a qualidade física do solo e aumentam o teor de matéria orgânica. A atividade biológica é estimulada, melhorando a agregação e a ciclagem de nutrientes.

3. A diversificação das atividades reduz o risco climático e de oscilações de mercado.

4. Por sua maior complexidade, há a necessidade de um bom planejamento. Tanto pecuaristas como agricultores inserem atividades novas em seu cotidiano, o que envolve a capacitação e maior esforço de gestão.

Integração Lavoura-Pecuária-Floresta

Combinação de culturas anuais, pastagens e florestas na mesma área. São vários os modelos, que podem variar com a presença ou não de lavoura. O princípio é intercalar espécies florestais e culturas anuais ou pastagens em faixas. Existe variação relacionada ao número de linhas das espécies florestais e quanto ao espaçamento entre elas.

Consórcio Milho Safrinha – Forrageiras

O consórcio milho safrinha com forrageiras vem sendo amplamente estudado pela Fundação MS. O sistema consiste em plantar a forrageira juntamente com o milho, utilizando ou não herbicida para retardar seu desenvolvimento. As espécies forrageiras mais utilizadas são as braquiárias, notadamente *Brachiaria ruziziensis* e cultivares de *Brachiaria brizantha*. Existem diferentes siste-

mas de plantio: semeadora de fluxo contínuo para implantação da forrageira antes do plantio do milho, mistura da forrageira com os fertilizantes utilizando a mesma caixa e semeando na mesma linha do milho, semeadura a lanco em área total, plantio na entrelinha do milho, plantio utilizando-se a terceira caixa da semeadora, sendo esta última bastante utilizada e aperfeiçoada com os avanços da pesquisa neste setor.

Os principais trabalhos de pesquisa desenvolvidos pela Fundação MS consistem na avaliação de espaçamentos e populações de milho, estudos das diferentes densidades de plantas das forrageiras e seus efeitos na produtividade do milho, avaliações de pragas e doenças no milho em consórcio com capins, avaliações dos efeitos de diferentes arquiteturas de milho nos componentes do consórcio e avaliação conjunta da produtividade vegetal com a fertilidade do solo no consórcio milho-capins.





Fertilidade e Manejo do Solo

A Fundação MS, desde sua criação preocupa-se com a utilização dos recursos naturais e busca sua otimização. Os trabalhos de Fertilidade e Manejo do Solo buscam o melhor uso dos fertilizantes de forma a economizar recursos e maximizar a produção. As principais linhas de trabalho são:

1. Calibração de macro e micronutrientes para as principais culturas em diversas regiões do Estado, possibilitando a definição precisa das doses de cada nutriente.

2. Avaliações dos efeitos dos sistemas de rotação de culturas na fertilidade dos solos em diversas regiões do Estado.

3. Estudos da dinâmica e das interações entre nutrientes, solo e plantas no sistema de plantio direto, visando otimizar os recursos presentes no solo e também aqueles adicionados pelo produtor, reduzindo os custos com adubações.

4. Análises da eficiência, qualidade e aplicação de corretivos, fertilizantes, produtos foliares, enraizadores, inoculantes, hormônios, entre outros.

5. Estudos aplicados dos efeitos da integração lavoura pecuária nos aspectos químicos e físicos do solo, também em diferentes regiões do Estado visando fornecer ao produtor rural subsídios técnicos a respeito dos benefícios da integração, possibilitando assim a adoção desta prática, com menor risco de insucesso.



Fitotecnia Milho e Sorgo

Da mesma forma a cultura do sorgo tem recebido atenção da Fundação MS e trabalhos de pesquisa têm sido desenvolvidos, contribuindo assim com o aumento da área plantada no Estado e a melhoria nos índices produtivos. Nestas linhas, as principais atividades desenvolvidas são:

1. Trabalhos de pesquisa comparando o desempenho de híbridos e variedades de milho em diversas regiões do estado de Mato Grosso do Sul, objetivando o posicionamento destes materiais quanto ao potencial produtivo, precocidade e época de plantio, comparando ainda híbridos com tecnologias Bt, RR e convencionais;

2. Avaliações da influência das épocas de plantio, dos espaçamentos e populações sobre o desempenho de híbridos de milho na safrinha;

3. Trabalhos avaliando o posicionamento do milho RR no contexto agrícola de Mato Grosso do Sul, em diversas regiões do Estado em consórcio com braquiárias.

4. Ensaios avaliando a influência da arquitetura de híbridos em plantio consorciado com braquiárias, subsidiando a implantação do consórcio milho capins para a formação de palhada e/ou integração Lavoura Pecuária.

5. Estudos da suscetibilidade de híbridos de milho a doenças, momento de controle e produtos a ser utilizados;

6. Trabalhos de pesquisa comparando o desempenho de materiais de sorgo objetivando o posicionamento destes materiais quanto ao potencial produtivo, precocidade;

7. Realiza trabalho em parceria com entidades públicas e privadas, visando solucionar problemas pontuais das culturas em questão nas diferentes regiões do Estado.

8. Divulgação de resultados em dias de campo, palestras, relatórios e publicação do Anuário Milho Safrinha e Culturas de Inverno.

Fitossanidade

Nesse sentido, a Fundação MS criou o Setor de Fitossanidade, que tem o objetivo de realizar pesquisas nas culturas da soja, milho, algodão, cana-de-açúcar, feijão, crameiro, trigo e aveia, gerando informações para o melhor manejo dos problemas fitossanitários. O setor de Fitossanidade da Fundação MS desenvolve pesquisas com as principais doenças, pragas e plantas daninhas nas culturas da soja e do milho na safra de verão e na cultura do milho na safrinha.

Dentre as linhas de trabalho estão:

1. Definição de época de aplicação, dose e raqueamento segundo a eficiência de produtos novos e já consagrados no controle de plantas daninhas, pragas e doenças na cultura da soja, algodão e do milho safrinha;
2. Avaliação de danos e controle de nematoides;
3. Ajuste de herbicidas para a supressão da braquiária em consórcio com o milho safrinha;
4. Manejo de pragas e doenças na

cultura do milho safrinha.

Os resultados das pesquisas são publicados e ficam à disposição de toda a comunidade. Esses resultados são a base para o desenvolvimento do manual Tecnologia e Produção, publicação semestral para a safra de verão e para a safrinha. Esta publicação contempla os resultados das mais recentes pesquisas desenvolvidas, a fim de auxiliar o produtor na tomada de decisão no que se refere à Fitossanidade da soja, do milho e de culturas de inverno.



O engenheiro agrônomo Luis Alberto Moraes Novaes assumiu a presidência da Fundação MS em 2011

Área de Atuação

Os trabalhos de pesquisas e avaliações buscam descobertas que possibilitem aos produtores e profissionais ligados à área agrícola avançarem seus lucros através do uso de informações que auxiliem na melhor tomada de decisão, aliada à sustentabilidade do sistema e do meio ambiente. Após anos de pesquisa a Fundação MS conseguiu gerar informações importantes ao setor agrícola, como:

1. Seleção de Cultivares de Soja mais adaptadas a região;
2. Definiu a melhor época de plantio das principais cultivares de soja, para cada região Centro-Sul e Norte do MS;
3. Definiu e promoveu a redução de estande para a cultura da soja;

4. Definiu e promoveu o estande ideal para cada cultivar de soja;
5. Selecionou Cultivares de soja para plantio em áreas de abertura ou áreas de pastagens;
6. Realizou um intenso trabalho de pesquisa avaliando cultivares de soja em quatro épocas de semeadura, cujos os resultados embasaram a antecipação da época de semeadura de soja para o Mato Grosso do Sul, estabelecida pelo zoneamento agrícola.

Além destes trabalhos, a Fundação MS presta serviços a empresas parceiras quanto ao plantio e avaliações de linhagens de soja em seus vários níveis de pesquisa (trabalhos e/ou etapas de programas de melhoramento genético), visando a recomendação de cultivares para a região.



■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■



Anuncie e conquiste novas fronteiras do Agronegócio.

Apresentamos a revista Produção Rural, um novo periódico bimestral do agronegócio do Mato Grosso do Sul. Uma nova fonte de informação para quem produz e faz do MS um dos grandes produtores de alimentos do País. Com moderno projeto gráfico e com a participação de diversos colaboradores de alto nível, traz um conteúdo de qualidade que faz toda a diferença. A revista é distribuída nos principais municípios, agroindústrias, cooperativas, revendas e produtos, prestadores de serviços, instituições bancárias, órgãos governamentais, associações e sindicatos rurais, e tem colaborado com a integração das diversas regiões do Estado.




Sua empresa, produtos e serviços acessados por seu público-alvo e com grande potencial.

WLC
editora

Revista
Produção Rural





Mudança no padrão de consumo projeta crescimento de 80% no agronegócio

O presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), Luiz Carlos Corrêa Carvalho, encerrou o Fórum “Protagonismo do Agronegócio Brasileiro”, em novembro de 2015, destacando a importância estratégica do agronegócio. “Buscamos manter a lógica de aliar competência com produtividade”, observou Carvalho, lembrando que o agronegócio brasileiro responde atualmente por 24% do PIB nacional, por 40% das exportações e por 30% dos empregos do país. Carvalho mirou no futuro e projetou mais crescimento em função da mudança do padrão de consumo e crescimento da população interna e mundial. “A produção de alimentos deve crescer 80% nos próximos anos. E o Brasil será o maior protagonismo global”, disse.

Essa liderança deve acontecer em paralelo com a expansão da oferta com sustentabilidade e integração das cadeias e também com a aposta em uma estrutura logística competitiva e sistêmica que inclua todos os modais de transporte. Em tempos de crise, o presidente da entidade ainda falou sobre as preocupações do setor que surgem com o desequilíbrio econômico. “Precisamos de reformas de Estado, da previdência e da política no Brasil”, destacou Carvalho.

Outra concorrida participação no Fórum, realizado pela Abag, foi do sócio do Demarest Advogados, Renato Buranello, que apresentou o conceito atual do setor que se inicia pelo fornecimento de insumos, pas-

sa pela produção, processamento e armazenamento até chegar à distribuição. “Cerca de 65% do PIB do agro está fora da porteira. O grande desafio do setor é conseguir agregar mais valor a produção”, destacou.

Para isso é necessário maior investimento e, por consequência, novas fontes de financiamento. “Já temos os instrumentos e agora é preciso aperfeiçoá-los”, concluiu ao defender a emissão direta de títulos para os mercados de capitais para que seja mantida a relação direta com os investidores. “O setor precisa de maior prazo, menor custo e maior previsibilidade”, insistiu o palestrante ao pedir melhor planejamento do Estado para o agronegócio.

No painel conduzido pelo analista da MB Associados, Sérgio Vale, o palestrante não foi nada otimista ao pontuar que a expectativa é de que o cenário de recessão no Brasil se prolongue pelos próximos anos se nada for mudado na política econômica do país. Vale argumentou que a queda na atividade produtiva não tem relação com o agronegócio que vem crescendo de forma expressiva. “Para esse resultado se refletir na economia de uma forma geral, precisamos de reformas, caso contrário, no curto prazo, o grau de deterioração vai acontecer em ritmo acelerado”, avaliou Vale, acrescentando que só a longo prazo, após esse período de incertezas políticas, a perspectiva pode voltar a ser positiva.

■ ■ ■ ■ ■

A large, stylized graphic of a sun and a cloud. The sun is represented by a thick blue outline with several straight lines radiating from the top left. The cloud is a thick blue outline that frames the text. The background is a blue sky with white clouds.

MITOS E VERDADES

SOBRE O CLIMA NA REGIÃO DE DOURADOS

As estações meteorológicas da Embrapa Agropecuária Oeste começaram a operar em junho de 1979. Desde então, os dados coletados nessas estações passaram a formar uma série de dados meteorológicos, atualmente com 37 anos, que continua

a ser atualizada diariamente com informações climáticas da região. Quando se analisa essa série histórica é possível ter uma visão detalhada do comportamento do clima da região e também avaliar se algumas afirmações sobre clima, ditas e ouvidas frequen-

temente no dia-a-dia são falsas ou verdadeiras. Verifique se você conhece o clima da região de Dourados. Responda se as nove afirmativas a seguir são mitos ou verdades. Após veja as respostas, elaboradas com base na série histórica.

Carlos Ricardo Fietz é pesquisador da Embrapa Agropecuária Oeste
Gabriela Moreira Ferreira é graduanda em Engenharia Ambiental
na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

1) Na região de Dourados não ocorrem temperaturas negativas.

Mito. Há 15 registros de temperaturas negativas na série histórica. A grande maioria ocorreu em julho (73%), mas também há registros em junho (20%) e agosto (7%). A menor temperatura foi -1,9°C em 17 de julho de 2000 e a mais recente ocorreu em 25 de julho de 2013, quando foi registrado -0,5°C. Nesta data houve formação de geadas de intensidade forte em vários locais da região.

2) Raramente ocorrem na região temperaturas superiores a 40°C.

Verdadeiro. Há apenas quatro registros de temperaturas maiores que 40°C nesses 37 anos. Em 1985 há dois registros, em 17 e 18 de novembro, atingindo 40,1°C e 40,2°C, respectivamente. Em 26 de setembro de 2004 a temperatura atingiu 40,7°C, mas a mais alta da série foi 40,8°C e ocorreu em 17 de outubro de 2014.

3) Em janeiro há maior ocorrência de dias muito quentes.

Mito. Considera-se dia quente aquele em que a temperatura supera 33°C. Apesar de janeiro ser o mês do ano com maior temperatura média (25,5°C), quase metade dos dias muito quentes nos últimos 37 anos ocorreram no período de agosto a novembro, principalmente em outubro. Em outubro também há 21 registros de dias com temperaturas superiores a 38°C, enquanto em janeiro há apenas um.

4) Ondas de calor são eventos comuns na região.

Verdadeiro. Uma onda de calor é caracterizada por uma sequência de dias muito quentes, com temperaturas superiores a 33°C. Desde 1979 ocorreram na região de Dourados 29 ondas de calor, com 10 ou mais dias de duração. Em 2002 houve três ondas de calor e também neste ano ocorreu a mais extensa, com duração de 27 dias. A onda de calor mais recente foi em 2015, no período de 15 a 25 de setembro, com duração de 11 dias.

5) Sempre chove nos feriados de 7 setembro (Independência do Brasil) e 2 de novembro (Dia de Finados).

Mito. Em 37 anos houve apenas 9 ocorrências de chuva em 7 de setembro, menos de um quarto dos registros. No feriado do Dia de Finados houve 17 ocorrências, portanto, menos da metade das vezes.

6) Dezembro e janeiro são os meses em que ocorrem os menores índices de umidade do ar.

Mito. Os meses com os menores índices de umidade de ar são agosto e setembro. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), níveis de umidade do ar inferiores a 30% podem ser prejudiciais à saúde humana. Na região de Dourados, desde 2001, há 845 registros de dias com umidade do ar inferior a 30%. Mais da metade destes registros ocorreram nos meses de agosto, 255 registros, e setembro, 201 registros. Em dezembro e janeiro há apenas 25 e 19 ocorrências, respectivamente, por serem estes os meses mais chuvosos do ano.

7) Agosto é o mês do ano em que ocorrem os ventos mais fortes na região.

Mito. Desde janeiro de 2009 há 243 dias com registros de rajadas fortes de vento, superiores a 30 km/h. A maior parte desses dias ocorreu no período de setembro a novembro. Outubro é o mês com maior frequência, 30 registros, seguido de setembro, 28 ocorrências. Em agosto foram registradas rajadas fortes de vento em 19 ocasiões.

8) Dezembro e janeiro são os meses mais chuvosos e de chuvas mais intensas.

Verdadeiro. O mês mais chuvoso do ano é dezembro, com média de 176mm, seguido de janeiro, com 159mm. Desde 1979, há 12 registros de chuvas com mais de 100mm em um único dia. A maior chuva diária ocorreu em 8 de dezembro de 2006, totalizando 148mm. Desde 2009 há 60 registros de chuvas horárias com mais de 20mm. Mais da metade dessas ocorrências foram nos meses de verão, de dezembro a março, principalmente em janeiro. A maior chuva horária foi 51mm e ocorreu em 18 de março de 2013. Recentemente, em 2 de novembro de 2015, foram registrados 48mm de chuva em uma hora. Vale lembrar que 1mm de chuva significa 1 litro de água em cada metro quadrado de superfície.

9) Chuvas de granizo são comuns na região de Dourados.

Mito. Em 19 anos, de 1980 a 1998, há 18 registros de granizo na estação meteorológica da Embrapa de Dourados. Portanto, em média, menos de uma ocorrência de granizo por ano. Isso se deve ao granizo se formar em um tipo específico de nuvem, a cumulonimbus. Essas nuvens, geralmente acompanhadas de ventos fortes e de descargas elétricas, necessitam de condições específicas para se formar, com temperaturas elevadas e alto índice de umidade do ar. Além disso, a chuva de granizo costuma ser localizada, não atingindo grandes áreas.



Manejo de pragas e produção orgânica são contrapontos ao uso de agrotóxicos

Estudos da Embrapa no Paraná mostram que Manejo Integrado de Pragas reduz em até 50% uso de agrotóxicos

A produção orgânica é o componente mais importante para ser utilizado como contraponto aos agrotóxicos no Brasil, na avaliação do professor Carlos Hugo Rocha, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná, membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza. Estudos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) no Paraná mostram que a adoção do chamado Manejo Integrado de Pragas pode reduzir em até 50% o uso de agrotóxicos na agricultura.

A mesma metodologia tem sido usada em outras regiões do Brasil e em outros países, segundo Rocha. “O conhecimento acadêmico para isso já existe e ele vem sendo aprimorado por pesquisadores em diversas universidades no país”. Segundo ele, já há nas faculdades de agronomia conhecimento consolidado sobre o manejo de pragas como referencial para a redução do uso de agrotóxicos no dia a dia da agricultura brasileira.

No entanto, segundo Rocha, o método esbarra nos interesses econômicos das empresas que vendem produtos agroquímicos. Os técnicos dessas empresas têm o trabalho e o salário atrelados à venda dos defensivos e exercem muita influência nas decisões dos agricultores sobre a produção, o que faz com que a redução do uso de agrotóxicos seja um dos principais desafios da agricultura nacional.

No Paraná, por exemplo, o total de produtos agroquímicos vendidos alcançou 10 quilos por habitante, por ano, em 2011. “Esse é um número extremamente elevado quando a gente compara isso com qualquer outra região do Brasil e do mundo. São dados bastante preocupantes”, disse o professor. Daí a busca de alternativas para o controle de agrotóxicos ser fundamental para a saúde dos ecossistemas em geral, incluindo o solo, a vida silvestre, os mananciais de água e também para a saúde da população, apontou Rocha. “Esses produtos são perigosos, entram nas cadeias alimentares e isso afeta a saúde da população brasileira em geral”.



Agricultura orgânica

De acordo com o especialista, as propriedades que trabalham com agricultura orgânica não usam, por princípio, produtos agrotóxicos. Os agricultores conseguiram desenvolver métodos adaptados de cultivo no qual a presença da vegetação dos ecossistemas naturais se mescla à paisagem agrícola e o manejo das culturas e do solo é feito de maneira mais harmônica com a natureza, o que evita o aparecimento de pragas. Quando elas surgem, são controladas naturalmente pelo próprio meio ou por recursos não tóxicos.

Rocha avalia que a transição de uma agricultura altamente contaminante para o método orgânico também está entre os desafios da produção brasileira. Segundo ele, é crescente o número de agricultores que estão partindo para esse sistema de produção, com predomínio de pequenos proprietários, embora a mudança também em áreas mais extensas, por exemplo, em plantações

de cana-de-açúcar em São Paulo, que são cultivadas de maneira orgânica. “É crescente e é potencial”.

Na Dinamarca, o governo tem a meta de transformar 100% de sua agricultura em orgânica. Na Holanda, mesmo a agricultura convencional tem baixo uso de produtos químicos. Além do manejo integrado de pragas, as medidas de legislação ajudam nessa transição, observou Rocha. Por exemplo, na Holanda, que é o maior exportador de batatas semente do mundo, há uma lei que obriga o agricultor a fazer rotação de culturas. “Só pode plantar batatas de quatro em quatro anos porque, se plantar seguidamente, acaba infestando o seu solo e de toda a região por conta disso”, explicou.

No Paraná está em discussão a necessidade de os plantadores de soja adotarem o regime de rotação de culturas. O uso de agrotóxicos nas duas safras anuais de soja favorece o aparecimento de mais pragas e mais

doenças devido à não adoção da rotação de culturas. No estado, 90% das propriedades são de pequeno porte. Pesquisa feita pela UEPG mostra o papel dessas propriedades para a proteção da floresta e, ao mesmo tempo, para a prestação de serviços ambientais para a sociedade, como produção de água, proteção da biodiversidade, proteção contra erosão e estabilidade das margens.

A UEPG está apoiando a transformação dessas propriedades familiares em propriedades orgânicas. Das 1,4 mil propriedades orgânicas certificadas no estado, mais de 300 tiveram suporte do programa de apoio à certificação da universidade, que combina a adequação ambiental, proteção de rios e nascentes e conservação de solos ao apoio para o agricultor levar sua propriedade de um sistema intensivo para um sistema ecológico de produção.

■ ■ ■ ■ ■



Fone: (67) 3461-6740
lajesnavirai@hotmail.com

Rua Projetada II, 388 - Jardim Paraíso/Parque Industrial - Navirai - MS



Pequenas empresas passam a ter prioridade em licitações públicas

Acaba de entrar em vigor o decreto 8.538, de 6 de outubro de 2015, que estabelece tratamento favorecido e simplificado para o setor nos processos de licitação. Os pequenos negócios agora têm prioridade nas compras feitas pelo governo federal. As licitações no valor de até R\$ 80 mil passam a se destinar exclusivamente para os candidatos de pequeno porte. Nas contratações que superarem esse valor, a lei abre a possibilidade de criação de lotes exclusivos para o setor.

São beneficiadas as micro e pequenas empresas, os agricultores familiares, os produtores rurais (pessoa física), os microempreendedores individuais (MEI) e as cooperativas de consumo em todas as contratações realizadas por órgãos e autarquias da União.

Dispensa da comprovação de regularidade fiscal no momento da candidatura e preferência em casos de empate são alguns dos benefícios para as pequenas empresas previstos no decreto.

A legislação também estabelece que, nas licitações para compra de bens de pronta entrega ou locação de materiais, os pequenos negócios não são obrigados a apresentar o balanço patrimonial mais recente.

No ano passado, 16,9% dos gastos em compras do governo federal foram destinados a pequenas e médias empresas. Em números absolutos, isso representa R\$ 7 bilhões de um total de R\$ 41,6 bilhões, segundo o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.



Em quatro anos, registro para exportadores dobra no Brasil

Certidão da Receita divide empreendedores, mas críticos e especialistas defendem o sistema

Até novembro de 2015 a Receita Federal realizou 10.798 emissões do Radar, documento que as empresas precisam obter para operar no comércio exterior. Nos 12 meses de 2012 foram expedidos 5.534 registros. “Como é de se esperar, o aumento da busca pelas exportações gera esse crescimento das emissões do Radar”, afirmou Raphael Allemand, sócio da consultoria em comércio exterior EOC International. O câmbio elevado é o grande fator que incentiva as empresas a exportarem, segundo ele.

Depois da emissão de 5.534 registros em 2012, foram expedidos 6.687 documentos em 2013 e 11.564 em 2014. O saldo de 2015,

que alcançou os 10.798 documentos em novembro, deve se aproximar do número total de 2014 até o final do ano. Para o especialista em comércio exterior Alexandre Del Rosso, diretor da BrTrade, o sistema foi uma das melhores coisas que a Receita fez para ajudar os empresários que importam ou exportam. Ele explicou que o processo anterior para obter o credenciamento envolvia mais burocracia e também levava mais tempo para ser concluído.

Agora é só enviar documentos de identificação, como contrato social, RG do representante e certidão de junta comercial. “A Receita vai analisar os papéis e pode emitir o certificado rapidamente, em cerca de dez

dias”, completou Del Rosso. A nova forma de credenciamento, entretanto, não é bem vista por todos. Segundo empresária que preferiu não se identificar, o processo para tirar o Radar é muito difícil. Ela continuou: é necessária uma documentação muito complicada, muita papelada, que até faz algumas pessoas desistirem do processo.

A entrevistada disse também que muitos iniciantes no comércio exterior preferem contratar alguém para fazer o serviço. “Eu, por exemplo, paguei para um especialista realizar os trâmites”, disse. Para Del Rosso, o processo não é tão complicado. O especialista acredita que muitos empresários brasileiros criticam o



Radar por falta de informação. Ele concluiu: só houve confusão no ano em que o sistema entrou no ar: muita gente tentou se cadastrar ao mesmo tempo e o tempo para emissão acabou ficando maior. Mas esse problema já foi superado.

A partir do Registro e Rastreamento da Atuação dos Intervenientes Aduaneiros (Radar), auditores da Receita tem acesso a informações contábeis, fiscais e aduaneiras das empresas cadastradas, que passam a fazer parte do Sistema Integrado de

Comércio Exterior (Siscomex). Desde 2012, o Radar funciona em quatro modalidades: limitada, ilimitada, expressa e pessoa física. As opções têm diferenças em relação ao tempo de duração do certificado e ao valor das operações a serem realizadas.

Anexação Eletrônica

O governo anunciou a adesão de todos os órgãos envolvidos no comércio exterior à ferramenta de Anexação Eletrônica disponibilizada pelo Portal Único de Comércio Exterior. De acordo com a assessoria da Receita Federal, a novidade permitirá que mais de 90 toneladas de documentos sejam eliminadas anualmente nas operações de comércio exterior no Brasil.

Com a adesão de todos os órgãos anuentes, incluindo Anvisa, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e Ibama, a assessoria da Receita informou que 95% dos processos de autorização para exportação e 97% para importação podem ser feitos por meio eletrônico, reduzindo custos e prazos em operações de comércio exterior. Atualmente

cerca de 19 mil documentos já são apresentados diariamente por meio eletrônico. Com a entrada dos demais órgãos anuentes no sistema, a avaliação da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) e da Receita Federal é que os números tendem a crescer.

Daniel Godinho, secretário do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) ressaltou que a eliminação do papel nas operações de comércio exterior é uma das metas previstas no Plano Nacional de Exportações (PNE), lançado em junho deste ano. Ele afirmou também que a entrega tempestiva do módulo de Anexação Eletrônica atesta o sucesso do projeto Portal Único de Comércio Exterior e anunciou que os próximos passos

serão ainda mais ousados. Teremos a implementação de um novo fluxo moderno e simplificado de exportação já em 2016.

O secretário da Receita Federal, Jorge Rachid, destacou que a implantação do módulo de Anexação Eletrônica implicou no redesenho e aperfeiçoamento de processos de trabalho, com ganho significativo de tempo e otimização de recursos em todos os órgãos envolvidos, com extrema parceria e irrestrito comprometimento com o projeto. Em seguida, ele afirmou que o Portal Único é um projeto de Estado e seguramente garantirá melhor qualidade no ambiente de negócios do País e na competitividade das empresas no comércio exterior.

■ ■ ■ ■ ■

Conheça mais sobre o exame andrológico



A fertilidade do rebanho é um dos itens mais importantes na pecuária, principalmente quando se trata dos reprodutores, pois um touro infértil representa a perda de 25 a 50 bezerros, já uma fêmea infértil representa a perda de apenas um bezerro. Estima-se que cerca de 5% dos touros são animais inférteis e entre 20 e 40% são subférteis, que produzem menos filhos do que deveriam.

É simples detectar um animal infértil: basta observar se emprenhou alguma vaca na estação de monta. Mas detectar um animal subfértil só é possível através da realização do exame andrológico, por isso é fundamental que todos os reprodutores passem por ele antes da estação de monta. É um exame bem específico, pois analisa as condições clínicas gerais quanto às condições reprodutivas do animal. O médico veterinário

que realiza este procedimento que pode ser dividido em duas fases: exame clínico geral e exame específico.

Na segunda etapa são analisados os órgãos reprodutivos como testículos e epidídimos (inseridos na bolsa escrotal), glândulas anexas (por apalpação retal), pênis e prepúcio. Tudo é analisado, como simetria, temperatura, sensibilidade dolorosa, lesões, cicatrizes e medidas. Logo após essa avaliação é feita a coleta do sêmen, geralmente feita por eletroejaculação. Depois de todos esses exames, o veterinário pode emitir um laudo atestando a fertilidade do animal. Esse laudo tem a validade de apenas 30 dias, por isso, aquisição de touros sem laudos recentes não é recomendada.

O veterinário atesta o animal como apto, inapto ou questionável. Aptos são animais que atingiram ou ultra-

passaram os itens recomendados, os inaptos ou que não atingiram esses itens e os questionáveis são aqueles animais que devem aguardar novos exames, geralmente são touros imaturos ou que sofrem de algum problema transitório.

Esse exame não deve ser feito somente quando há alguma queixa ou observação da queda da reprodução dos animais, mas sim ser uma rotina no manejo. Através desse exame é possível selecionar os touros e poder ter mais segurança na comercialização. Nada adianta um touro de uma boa raça e com características importantes se é infértil ou que produza poucos bezerros. Este tipo de animal gera um grande prejuízo para o rebanho. O exame andrológico permite identificar esses animais e minimizar as perdas.

.....

Qualidade que
você e seu carro
merecem.



Conveniência | Lavagem | Combustíveis | Troca de Óleo



Aberto das 5h30 às 22h. Domingo e Feriado - das 7h às 18h

67. 3461-7707
Av. Campo Grande, 1290
Centro - Naviraí-MS



ANTONINI



Calcular o volume da madeira corretamente elimina perdas

Dificuldade na avaliação quantitativa e qualitativa na hora da comercialização traz riscos de prejuízos ao produtor

Qualidade em pneus,
mais produtividade
para o seu negócio!

FONE: (67) 3461-1408
Resid: (67) 3461-1288

Av. Amélia Fukuda, 848
Cep. 79.950-000 / NAVIRAÍ-MS

gansopneus@hotmail.com



Pneus de passeio | Carga | Agrícola

A necessidade de diversificar a produção nas propriedades faz com que o plantio de árvores com finalidade comercial cresça a cada dia. Atualmente o Brasil é o segundo país com a maior cobertura florestal do mundo, mas já no ranking de florestas plantadas está em oitavo lugar. Cerca de 98,7% das florestas no nosso País é natural e apenas 1,3% é plantada, o que mostra que ainda há muito espaço para este segmento crescer.

De toda a floresta plantada, cerca de 66% é de eucalipto, seguido de 26% de pinus. A maior parte dessa produção é destinada à celulose e papel e depois carvão vegetal. Os produtores costumam ter perdas significativas na hora de comercializar a produção, pois ainda é uma atividade pouco conhecida. Essas perdas são devido à dificuldade na avaliação quantitativa e qualitativa do volume de madeira.

Há diversos métodos e técnicas para calcular a quantidade de madeira produzida, no qual são medidos o

volume de madeira empilhada ou o volume sólido. Os métodos diretos utilizam medições de tora individuais ou empilhadas, já os indiretos aplicam técnicas como fator de forma, equações de volume e funções de sortimento.

Por ser simples, o volume de madeira empilhada é o mais usado para produtos com pequenas dimensões, como tórcos destinados à celulose e papel, aglomerados e energia. O cálculo é feito pela multiplicação do comprimento, pela largura e altura da pilha de toras. Já o cálculo do volume sólido de uma tora é mais complexo, pois devido à sua grande dimensão, é necessária uma precisão maior procurando-se obter o valor real.

A conversão de pilhas de toras em estéreos (st) para volume (m³) se faz dividindo o st por um fator de empilhamento, que compense os espaços vazios dentro da pilha. Já a pesagem da madeira é mais utilizada na venda para indústrias que processam toras finas, de pequeno diâmetro, como celulose e chapas.

Uma equação de volume ajustada permite estimar o volume total do tronco da árvore sem derrubá-la, ou seja, com a floresta em pé. Com a equação de sortimento, o volume pode ser estimado por classes de uso, como laminação, serraria, celulose e energia. Ou também, pode ser por tipos de tora para atender especificações do mercado.

É importante o produtor ter orientações adequadas em relação a esses cálculos, pois as perdas na comercialização podem ser grandes. A madeira pode ser comercializada "em pé" ou "colhida", podendo ser cotada em peso, volume empilhado ou volume sólido. É comum ocorrerem prejuízos pelo fato de vender a madeira "em pé" sem sortimento a preços inferiores aos reais com sortimento. A falta de informação sobre o valor de mercado desses produtos florestais e o desconhecimento do total produzido impede a realização de cálculos do valor da madeira na hora de vender.



Feijão pode ser opção para sistema de Integração Lavoura-Pecuária

Vantagens são muitas, como a produção facilitada de forragem e possibilidade de ter alimentos disponíveis para os animais o ano inteiro

O Sistema de Integração Lavoura-Pecuária (ILP) já é bem difundido, mas poucas vezes ouvimos falar de seu uso no cultivo do feijão nesse sistema. O uso de rotação de culturas traz muitos benefícios ao solo, desde o aumento da fertilidade até a diminuição da ocorrência de invasoras, doenças e pragas. Segundo o pesquisador do Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), Sérgio José Alves, o feijão é uma excelente opção de cultura para este sistema oferecendo grandes ganhos em rendimento.

A escolha do feijão pode trazer um “bônus”, pois é uma cultura exigente e acaba se beneficiando desta diversificação. Há ainda outras vantagens destacadas pelo pesquisador: possibilidade de utilização de pastagens de elevado potencial produtivo e qualidade; produção facilitada de forragem e possibilidade de ter alimentos disponíveis para os animais

o ano inteiro; conservação dos recursos naturais; racionalização no emprego de mão-de-obra e maior eficiência do uso de adubos, máquina e implementos; o uso dos produtos agrícolas no arraçãoamento ou o aproveitamento de resíduos agrícolas para alimentos animal; produção de carne e leite de alta qualidade e de forma competitiva, entre outros.

Por ter um ciclo curto, o feijão é altamente responsivo às melhorias ambientais e com épocas de plantio bem definidas. É um alimento com grande consumo interno, um saco de feijão vale três ou quatro vezes um saco de soja. A produtividade do feijão aumenta conforme a aplicação correta do manejo de ILP e contribuição para fertilidade do solo.

Para o cultivo do feijão é necessário praticamente os mesmos equipamentos de outras culturas, o que gera menos investimentos por parte

do produtor. Um item importante nesta cultura é a colheita, que hoje é mecanizada. Outra questão relevante é a escolha da semente, sem contar a época do plantio, controle de doenças e pragas, tudo conta para ter sucesso na cultura do feijão.

No Ministério da Agricultura há 307 cultivares de feijão registradas, com distintos hábitos de crescimento, porte de planta, ciclo e reação às doenças e condições climáticas e adaptação a diferentes épocas de semeadura. Uma dúvida frequente neste sistema é a entrada de animais nas áreas agrícolas e uma possível degradação ambiental, já que os animais consomem forragem e por isso deixam menos palha para o plantio direto, mas o pisoteio desses animais também compacta o solo, o que facilitaria o uso do sistema.

.....



Matriz: Av. Amambai nº 2570 - Parque Industrial

Fone: (67) 3461-3440 - Naviraí-MS

Filial: Av. Joaquim Teixeira Alves nº 2727

Fone: (67) 3021-3232 - Dourados-MS

marmo.art@brturbo.com.br | www.marmoartms.com.br

MARMO
MÁRMORES E GRANITOS **Art**



Piscicultura cresce no Brasil, mas cai no Mato Grosso do Sul

Estado foi pioneiro em estabelecimento de tecnologias porém recuou no ranking nacional

A piscicultura vai bem no Brasil, com uma média de crescimento em torno de 8% nos últimos 15 anos, chegando a 20% no ano passado, mas no Mato Grosso do Sul, infelizmente encontramos um outro quadro. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2013, MS produzia 5.100 ton/ano e era o 16º colocado no ranking nacional. Em 2014 diminuiu e produziu 4.900 ton/ano e é hoje 19º no ranking nacional, empatado com Sergipe.

Assim, embora o MS tenha sido pioneiro no estabelecimento de tecnologias em espécies nativas, regrediu. “Vale ressaltar que toda esta tecnologia foi desenvolvida pela iniciativa privada que hoje encontra-se totalmente enfraquecida. Temos em MS 60% da piscicultura parada por falta de interesse. Mas as estruturas estão construídas e podem retornar à atividade com o estímulo certo. Somente em Dourados são 800 bases construídas, com um investimento de R\$ 30 milhões em que 60% está parada. É difícil explicar para o poder público como apoiar e não tivemos auxílio do Ministério da Pesca e Aquicultura”, explica Maurício Cury, vice-presidente da Apropeixe (Associação de Produtores de Peixe de MS) e membro da diretoria da MSPeixe (Cooperativa dos Piscicultores de MS), ainda trabalha no Senar/MS em Dourados, atuando na assistência técnica e gerencial da piscicultura.

Ele ainda ressalta que é um problema sério, pois apenas trabalham com iniciativa privada: produtores, frigoríficos, fabricante de ração, produtores de alevinos, sindicatos,

associações de produtores, cooperativas e tem dado certo. “Estamos introduzindo a tilápia como forma de viabilizar o agricultor familiar, já que é uma espécie que reúne vantagens enormes para esta camada, embora seja estrangeira”, afirma Cury, destacando que são necessários vários frigoríficos para esta cadeia funcionar e por isso o apoio governamental é fundamental, como por exemplo incentivos fiscais.

O Mato Grosso do Sul é um grande importador de peixes: salmão do Chile, panga do Vietnã, bacalhau da Noruega, pacus do Mato Grosso e tilápias do Paraná, são 25 toneladas/ano de consumo de peixes de fora. Este incentivo traria grande movimentação econômica para a região. “Nosso Estado já teve grandes proje-

tos na área, mas seus idealizadores foram para outros estados atrás de outras oportunidades, pois o cultivo de peixes é a atividade agropecuária que mais cresce no mundo. Por ter demonstrado um potencial produtivo imenso nos últimos anos, com o ingresso de muitos produtores à atividade, o setor ganhou importância na pauta de muitos governos estaduais. Desta forma, foram criados programas de fomento e houve aprimoramento da legislação ambiental para incentivar o desenvolvimento da atividade em estados como Mato Grosso, São Paulo e Rondônia”, observa Cury.

Entretanto as ações de incentivo à produção não tiveram preocupação com a destinação do produto no mercado. O problema é que a ativi-



Somente em Dourados são 800 bases construídas, com um investimento de R\$ 30 milhões

dade, ao se encontrar em pleno crescimento e expansão nas mais diversas regiões do país, vem crescendo de forma desorganizada ao longo de sua cadeia produtiva.

A falta de ações mais elaboradas e com foco não só na produção primária, mas também na sua comercialização, agravou a desorganização do mercado. Produtores foram obrigados a buscar mercados marginais, uma vez que os frigoríficos não conseguiram absorver toda a oferta. Consequentemente, o excesso de oferta de pescado de cultivo, observado no Centro-Oeste e no Norte do país, somado às baixas margens de lucro dos frigoríficos, fez com que os preços pagos ao produtor se estagnassem ao longo dos últimos anos, enquanto seus custos de produção se elevaram, mesmo com o aquecimento da demanda pelo consumidor final.

Assim, apesar da elevadíssima aceitação do consumidor com forte aumento da demanda por pescado, a cadeia produtiva da aquicultura ainda possui barreiras a serem superadas. Contudo, vale ressaltar que alguns paradigmas culturais estão sendo quebrados. Mesmo que ainda



Custos de produção se elevaram mesmo com o aquecimento da demanda pelo consumidor final

persista a crença de alguns consumidores de que peixe bom e fresco é aquele que sai direto de um tanque ou de um barco e vai para a mesa, muitos vêm buscando garantias de qualidade de marcas de confiança

e as grandes redes varejistas que possuem centros de controle de qualidade apurados. É um setor com grande potencial, mas que ainda requer apoio, incentivos e mão de obra especializadas.



Consumidores vêm buscando garantias de qualidade de marcas de confiança que possuem centros de controle de qualidade

■ ■ ■ ■ ■



TORNO, PLAINA, SOLDAS, FRESA, PRENSA

Av. Amélia Fukuda, 1087
Bairro Sol Nascente - Naviraí-MS

(67) 9971-5345 | (67) 3461-9478
mwmturnearia@yahoo.com.br

Eliminação global de subsídios às exportações é conquista para o agronegócio brasileiro

Na avaliação da ministra da agricultura, decisão tornará competição mundial menos distorcida

O resultado da Conferência da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Nairobi (Quênia), é extremamente positivo para o agronegócio brasileiro. As negociações resultaram na eliminação imediata dos subsídios a exportações dos países desenvolvidos e extinção gradual para nações em desenvolvimento, até o fim desta década. “Ótima conquista para nosso agronegócio. Condições de competição internacional menos distorcidas para nossos pro-

duto”, afirmou a ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Kátia Abreu.

O acordo representa um avanço no processo de reformas das regras que regem o sistema multilateral de comércio e “foi uma vitória da OMC”, segundo integrantes da equipe brasileira. Isso porque prevaleceu o argumento dos que acreditam no sistema multilateral de comércio, e, sobretudo, para o agronegócio brasileiro. A Conferência da OMC garan-

te competição internacional dos produtos brasileiros em condições mais justas e equitativas.

O Itamaraty e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) estiveram à frente das negociações, conduzidas pelo embaixador do Brasil na OMC, Marcos Galvão. O Mapa e o Itamaraty continuarão trabalhando para fortalecer os pilares de negociação da OMC, sobretudo para a futura eliminação e reforma dos subsídios domésticos.

BRASIL EXPORTA MAIS CARNE



Em 2014 as vendas externas alcançaram US\$ 7,2 bilhões, maior valor já registrado na história

A carne bovina brasileira é, sem dúvida, uma das melhores (para alguns, a melhor) do mundo, tanto que ela se tornou símbolo da nossa cultura, junto da cachaça e da feijoada, por exemplo. Nosso produto tem grande inserção no cenário internacional, sendo um importante item de exportação do país e tendo atingido recordes memoráveis ao longo dos anos. Em 2014, as vendas externas de carne alcançaram a cifra de US\$ 7,2 bilhões, maior valor já registrado na história, com expectativa de números ainda maiores ao final deste ano. Os dados são da Associação Brasileira da Indústria Exportadora de Carne (Abiec), que também revela que, somente no último mês de outubro, o Brasil registrou o maior crescimento em exportações em 2015, faturando US\$ 557 milhões e embarcando 138,7 mil toneladas.

Esse cenário de boas perspectivas, que deve se manter em 2016, é impulsionado, ainda, pela reabertura de importantes mercados consumidores, como a China, o Irã, o Egito, o Japão, a Arábia Saudita e os Estados Unidos. O Brasil vem conseguindo, gradualmente, retirar os embargos impostos por esses países ao produto desde 2012, após um caso isolado de encefalopatia espongiforme, vulgarmente conhecida como vaca louca, registrado no Paraná. Hoje, com os riscos de epidemia descartados e demonstrando para o mercado a excelente qualidade da carne brasileira, o país busca novamente estreitar as relações comerciais com impor-

tantes players do setor.

A China é um grande exemplo. O gigante asiático, antes do fim do bloqueio, só tinha como porta de entrada para a carne brasileira a ilha de Hong Kong – região administrativa especial que possui elevado grau de autonomia –, que já figurava em primeiro lugar na lista dos importadores da nossa carne, seguida pela Rússia e União Europeia. Agora, com a retomada das vendas para todo o território, a expectativa é de incrementos significativos nas exportações para a China, segunda maior economia do mundo. Soma-se às boas estimativas de negociação o perfil de consumo dos chineses, que preferem importar carnes consideradas menos nobres, os chamados “miúdos”, como vísceras, língua, testículos, intestino, entre outros.

Essa grande demanda faz com que essas partes, que não são aproveitadas por grande parcela do mercado interno brasileiro, encontrem um comércio consumidor cada vez mais promissor para além do Atlântico. Além da retomada do comércio com importantes compradores, outro fator que tem influenciado a alta das exportações da carne é o cenário

cambial. Com o dólar atingindo patamares elevados, a carne in natura tupiniquim ficou mais competitiva, disputando mercado com nações como a Austrália, um dos nossos principais concorrentes. Nesse sentido, o Brasil encontra cada vez mais espaço no contexto internacional, e, em paralelo, as empresas nacionais procuram investir maciçamente em mão de obra qualificada, na produção e na modernização dos seus processos para atender à crescente demanda externa.

Com esse grande potencial de mercado e índices positivos, acreditamos em boas projeções para 2016. Reforçando esse panorama, a Abiec prevê, ainda, que o Brasil, em cinco anos, se torne o maior produtor mundial de carne bovina, superando os Estados Unidos. Essa marca poderá ser alcançada, em parte, graças aos investimentos em tecnologia que estão sendo feitos pela bovinocultura para aumentar a produção no país e pelas nossas reconhecidas condições sanitárias, bem como pela qualidade do nosso produto, principal fator que faz com que a nossa carne seja umas das preferidas em todo o mundo.



Carne in natura tupiniquim ficou mais competitiva, disputando mercado com nações como a Austrália

■ ■ ■ ■ ■

Agricultura dobra exportação de soja e milho em seis anos

Volume de milho e soja (grão e farelo) embarcado ao exterior se aproxima de 100 milhões de toneladas



As exportações das principais commodities da agricultura brasileira deram novo salto na escalada que vem garantindo lastro ao crescimento contínuo na produção. O volume de milho e soja (grão e farelo) embarcado chegou a 98,07 milhões de toneladas, conforme balanço de 2015 divulgado nesta segunda-feira pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

Em 2016, o volume embarcado deve ultrapassar a barreira dos 100 milhões de toneladas – seis anos depois de ter rompido a casa de 50 milhões de t. As 98 milhões de toneladas de 2015 representam volume duas vezes maior que as 48,6 milhões de toneladas de 2009, ou seja, o volume dobrou em seis anos.

O balanço de 2015 mostra que houve novo recorde na soja – como vinha sendo cogitado desde o primeiro semestre. O volume embar-

cado foi 19% maior, alcançando 54,3 milhões de toneladas.

Com o real desvalorizado e as matérias-primas brasileiras mais competitivas, o volume de soja remetido ao mercado externo foi incrementado nos últimos dois meses do ano, em plena entressafra comercial. Em novembro, o Brasil exportou oito vezes mais soja com que no mesmo mês do ano anterior. Em dezembro, o volume foi cinco vezes maior que o do mesmo mês de 2014.

A surpresa ficou por conta do milho (leia abaixo), que teve projeções elevadas nos últimos meses de 2015 e fechou com 28,9 milhões de toneladas, o maior volume já registrado.

O aumento das exportações mostra-se surpreendente mesmo quando comparado ao crescimento da produção. Para dobrar a colheita de grãos, de 100 milhões para 200

milhões de toneladas, o país precisou de 14 anos, ou seja, o dobro do tempo necessário para duplicar as exportações das principais commodities agropecuárias. Isso indica que o crescimento da produção é voltado justamente ao mercado externo.

As exportações devem continuar crescendo em neste ano devido justamente ao aumento da produção. A safra de soja se aproxima pela primeira vez de 100 milhões de toneladas na temporada 2015/16 e a produção total de milho (verão e inverno) tende a manter-se sustentada acima de 80 milhões de toneladas.

O ritmo do crescimento, contudo, deve diminuir diante de uma competição mais acirrada com a Argentina, que, devido a políticas internas desfavoráveis, teve sua participação reduzida no mercado de grãos nos últimos anos.

■ ■ ■ ■ ■

Fonte Original: AgroGP

Qualidade.
É disso que sua
obra precisa!

Especializada
na construção de
bases para silos.



Concreteira em sua obra



Perfuratriz para estacas de fundação



PRECISÃO

CONSTRUTORA
DE OBRAS LTDA



Fone: (67) 3461-3393 | E-mail: lp@pcdo.com.br
Av. Amambai, 2230 - Área Industrial - Naviraí - MS

A microscopic image showing several sperm cells (spermatozoa) swimming in a fluid medium. The cells have a distinct head and a long, wavy tail. The background is a deep blue color.

Brasil vai exportar material genético bovino e bubalino para Costa Rica

Acordo prevê exportação de sêmen a fim de melhorar rebanho costarriquenho

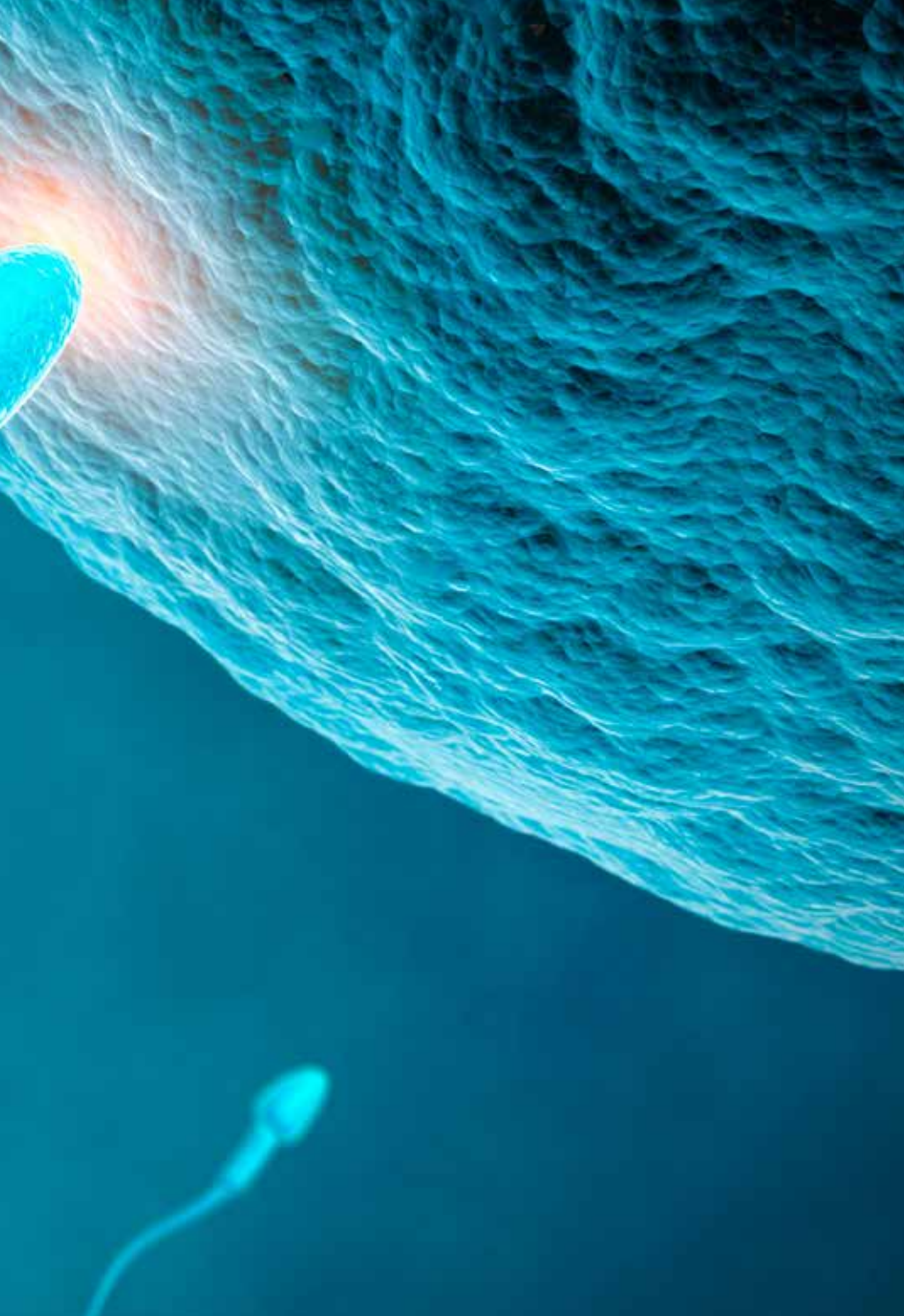
O Brasil firmou mais um acordo para exportação de material genético. Desta vez, sêmen bubalino poderá seguir para a Costa Rica, graças ao acordo firmado entre o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e o Serviço Nacional de Saúde Animal (Senasa), do Ministerio de Agricultura y Ganaderia, da Costa Rica. O documento garante o cumprimento das condições sanitárias

exigidas para o trânsito internacional do material genético de búfalos até o país de destino.

Outro Certificado semelhante foi firmado no início do mês de dezembro com a Bolívia relacionado a exportação de bovinos vivos, pois em 2014 cerca de 400 mil bovinos daquele país morreram na enchente dos rios Beni e Mamoré. A certificação de produtos de origem animal é

uma exigência do MAPA e, no caso de exportações de material genético, são estabelecidos Certificados Zoosanitários Internacionais entre país importador e exportador.

O acordo selado entre o Brasil e a Costa Rica, país interessado na genética bovina brasileira, vai contribuir com a melhoria do rebanho costarriquenho, considerando que seu rebanho bovino é de 1,2 milhão de ca-



beças, sendo 42% para produção de carne, 33% para produção de leite e os demais 25% do rebanho com dupla aptidão, além de 4.380 cabeças de bubalinos, segundo Censo Agropecuário da Costa Rica publicado em 2014.

O acordo também é uma derivação da Proposta de Ampliação das Exportações de Material Genético e Bovinos Vivos, elaborada pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em parceria com a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), entregue ao MAPA em 29 de setembro de 2015. Essa proposta serve como instrumento

de auxílio ao departamento técnico responsável do Ministério nas negociações destes produtos com os países interessados na genética bovina e bubalina do Brasil.

Para o presidente da Comissão Nacional de Bovinocultura de Corte da CNA, Antônio Pitangui de Salvo, o documento vai ajudar no aumento das exportações brasileiras. "O setor produtivo comemora a homologação destes acordos, pois havendo o interesse do país importador, é primordial que se tenha um certificado exequível atendendo as exigências sanitárias para a devida exportação".

■ ■ ■ ■ ■



Casa da Lavoura
COMÉRCIO DE INSUMOS E CALCÁRIO

NUTRINS
Water Mix®

NUTRINS
Champion Plus®

NUTRINS
KOLOSSO®

NUTRINS
Action Seed®

NUTRINS
AMINORGAN®



(67) 3461-7111
casa.dalavoura@outlook.com
Naviraí-MS





BOM SABER

Agronegócio no Brasil - Uma Perspectiva Financeira



Este livro aborda três fatores importantes da agropecuária, que a diferenciam dos demais ramos de atividade. O primeiro item decisivo para o sucesso no agronegócio é o local onde se decide plantar; o segundo é a decisão de quanto e o que plantar vai depender, antes de tudo, da localização geográfica, e o terceiro representa a questão climática, que surge como crucial.

A obra destaca também outros fatores que permitiram a expansão de área plantada no Brasil e consequente incremento da produção agrícola nos últimos anos. Aborda as principais modalidades utilizadas para o financiamento agropecuário, principalmente as linhas de crédito regulamentadas no Manual de Crédito Rural (Bacen) e as linhas do BNDES e de comércio exterior. São apresentados os principais conceitos sobre o mercado de derivativos agropecuários e os instrumentos para avaliação e gestão de risco.

Tecnologia de Aplicação Para Culturas Anuais

Este livro dos pesquisadores Ulisses Rocha Antuniassi e Walter Boller reúne escritos especializados sobre temas que compõem o rol de conhecimentos necessários para o tratamento fitossanitário de culturas anuais. Foca, com detalhes, aspectos pouco explorados profundamente, como o emprego de adjuvantes e segurança na aplicação. Atualidades como controle eletrônico e sistemas de navegação, técnicas de aplicação de herbicidas, fungicidas, inseticidas e aplicação aérea nas suas modalidades são exploradas amplamente nesta publicação.

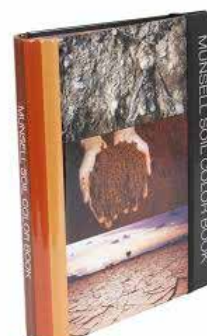


Bovinocultura de Corte - Volumes 1 e 2

Com textos técnico-científicos que atendem ao interesse da comunidade científica, de estudantes, de técnicos e de produtores, Bovinocultura de Corte traz artigos produzidos por pesquisadores, professores e técnicos autônomos das diversas áreas da bovinocultura de corte, resultando numa coleção imperdível para o entendimento do processo de produção de bovinos de corte. Coordenado por Alexandre Vaz Pires, o projeto abrange, da maneira mais completa possível, toda a cadeia produtiva da bovinocultura de corte.

A Carta de Cores Munsell (Munsell Soil Color Book)

A cor é uma das propriedades morfológicas mais importantes, porque auxilia na distinção das classes de solos, na delimitação de horizontes nos perfis, dá indicações sobre fertilidade, material de origem, conteúdo de matéria orgânica, condições de drenagem, entre outros fatores significativos. O Munsell Soil Color Book (A Carta de Cores Munsell) é uma espécie de Bíblia sobre o assunto, sendo utilizado como referência por 11 entre 10 profissionais do ramo. Trata-se de uma publicação luxuosa que traz informações fundamentais sobre mais de 400 tipos de solo.



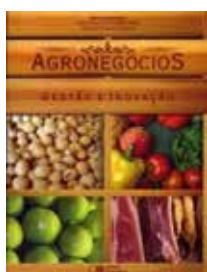


Agronegócios & Desenvolvimento Sustentável

O agronegócio é um dos setores da atividade econômica brasileira que mais têm contribuído para o desenvolvimento do país. Nos últimos 15 anos ele foi o principal negócio da nossa economia, responsável por contínuos e crescentes superávits na balança comercial.

O Brasil ocupa hoje a posição de líder mundial na produção e na exportação em diversas cadeias produtivas, com espetacular capacidade de expansão de maneira sustentável da produção nacional.

Em 17 artigos, esta coletânea retrata a visão do agronegócio, através de conceitos e exemplos que comprovam a perspectiva confiante e oportunidades de desenvolvimento para o nosso país no setor que mais temos competitividade. Traz um conjunto de assuntos fundamentais na combinação de desenvolvimento, gestão, modernidade, com desenvolvimento local e distribuição de renda. Enfim, são temas que constata o cenário do ambiente mundial da produção de alimentos, fibras e bioenergia e propõem ideias e futuros projetos para o planejamento e a gestão estratégica do agronegócio brasileiro.



Agronegócios - Gestão e Inovação

O livro 'Agronegócios - Gestão e Inovação' aborda alguns dos mais importantes temas da atualidade para o agronegócio nacional e internacional. Grosso modo, pode-se dizer que o livro divide seus capítulos entre a apresentação de conceitos e de métodos de análise que se originam nas áreas da gestão e da economia. Essa abordagem de entendimento e intervenção é muito interessante e atual no estudo dos agronegócios.



Adjuvantes Agrícolas Para a Proteção de Plantas

Em suas 264 páginas, divididas em 10 capítulos, o livro aborda a utilização adequada de adjuvantes com herbicidas, fungicidas e inseticidas e traz um capítulo voltado especificadamente sobre tecnologia de aplicação de adjuvantes. Luis Antônio Siqueira de Azevedo, autor da obra, responde em dez capítulos se é necessária a utilização de adjuvantes com herbicidas, inseticidas e fungicidas nas misturas de tanque para pulverização, além de discutir a importância da utilização desses compostos como ferramenta de manejo na eficácia de defensivos agrícolas.

Manutenção e reparo em bombas injetoras

Bombas de alta pressão eletrônica

Injeção eletrônica diesel

Unidades injetoras eletrônicas

Sistemas Common Rail

Instalação de turbinas

Sistemas hidráulicos em geral

Torno e Solda

Prensa de mangueiras hidráulicas

Troca de óleo e filtros



Av. Amambai, 1779 - Pq. Industrial

(67) 3461-1720 - Naviraí- MS

www.pradodiesel.com.br

pradodiesel@terra.com.br

Censo Agropecuário dará subsídio para elaboração de políticas públicas

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão autorizou contratação de mais de 80 mil pessoas para levantar os dados da pesquisa



O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) anunciou a contratação de mais de 80 mil pessoas para realizar o Censo Agropecuário 2016. A pesquisa faz o levantamento dos dados dos estabelecimentos agropecuários, florestais e aquícolas de todos os municípios brasileiros. Para a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), as informações coletadas darão subsídio para elaborar políticas públicas destinadas ao produtor rural. “O Censo trará um diagnóstico detalhado sobre as características do produtor e da propriedade e isso será útil para formular políticas públicas para o avanço do setor”, afirma o Superintendente Técnico da CNA, Bruno Lucchi.

Dentre as informações que serão apuradas pelo IBGE estão as diferentes práticas agrícolas, formas de ocupação da área, manejo e conservação do solo, utilização de defensivos agrícolas, agricultura orgânica, atividades aquícolas e agricultura familiar. “O último Censo foi feito há dez anos e desde então, ocorreram muitas mudanças no setor da agricultura, pecuária e agroindústria. A CNA apoia a pesquisa e acredita que poderá revelar os impactos dos programas e ações na vida do produtor rural e a sua evolução durante esses anos”, explica Bruno Lucchi.

A portaria, autorizada pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) e publicada no Diário

Oficial da União, prevê a contratação por tempo determinado de 223 analistas censitários, 486 agentes censitários regionais, 700 agentes censitários administrativos, 5.500 agentes censitários municipais, 12.540 agentes censitários supervisores, 174 agentes censitários informativos e 62.400 recenseadores.

De acordo com o texto da portaria, as contratações das 82.023 pessoas serão feitas por processo seletivo simplificado, observados ordem de classificação e os critérios e condições estabelecidas pelo governo, sendo o prazo de duração dos contratos de até um ano, com possibilidade de prorrogação até o limite máximo de três anos.

■ ■ ■ ■ ■

Foto: IBGE

**A AJUDA COMPLETA QUE VOCÊ PRECISA
PARA MELHORAR A SUA PRODUTIVIDADE.**



Correias transportadoras e Elevadoras



Mangueiras Hidráulicas 1,2 e 4 tramas



Maquinas inversoras, Mig, Plasma, Tig e mascaras para soldas.



Loja Navirai/MS



Loja Dourados/MS

Navirai/MS - Av. Bataguassu, 47
(67) 3461-5777 | 9962-7755
comagrannavirai@uol.com.br

Dourados/MS - Av. Marcelino Pires, 2960
Centro - (67) 3411-3300
compras@comagran.com.br

Comagran

Ajudando a produzir!

GRÃOS: Brasil dobra safra a cada 13 anos, aponta CNA



Dados mostram que safra de 202 milhões de toneladas de 2014/15 é quatro vezes maior que a de 40 anos atrás

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) apresentou balanço de 2015 e dados que vão mostrar em que ponto o País está em sua escalada de aumento na produção de alimentos. Um dos dados antecipados é o de que a safra de 202 milhões de toneladas de 2014/15 é quatro vezes maior que a de 40 anos atrás, de 47 milhões de toneladas. Isso quer dizer que o país está dobrando o volume produzido a cada 13 anos.

Segundo a CNA, nos últimos 40 anos, a produção brasileira de grãos e fibras cresceu 325%. A comparação se dá entre as safras 1976/77 (46,9 milhões de t) e 2014/15 (202,2 milhões de t). Esse salto é atribuído mais ao ganho de produtividade do que à expansão da área agrícola. A área dedicada a esse cultivo cresceu apenas 53% no mesmo período. Isso ilustra o aumento de 181% na produtividade brasileira, resultado do desenvolvimento de tecnologias sustentáveis e de ponta. A produtividade do setor passou de 1.258 quilos por hectare para 3.486 kg/ha em 39 anos. O Brasil tem 851 milhões de hectares, dos quais 329,9 milhões são ocupados por propriedades rurais (38,7%).

■ ■ ■ ■ ■

Na contramão dos cortes, agricultura projeta mais recursos para o seguro rural

Agronegócio brasileiro torce para que os cortes realizados pelo governo federal no orçamento 2016 não atinjam drasticamente o setor



Diante da previsão inicial de R\$ 400 milhões para o seguro rural, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) tentar viabilizar mais recursos, para chegar ao montante de R\$ 1 bilhão, suficiente para cobrir 20 milhões de hectares. Do contrário, as culturas que mais exigem proteção, como soja, feijão, trigo e milho safrinha, estarão ameaçadas de ficarem descobertas a partir do ano que vem.

O Plano Trienal do Seguro Rural (PTSR) 2016-18, anunciado no final de novembro, prevê até R\$ 400 milhões para o benefício em 2016,

contra os R\$ 800 milhões previstos em 2015. O valor avança em 2017 e 2018, chegando a R\$ 425 mi e R\$ 455 milhões, respectivamente. Para a Comissão Nacional de Política Agrícola Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), as mudanças nas normas do programa são prejudiciais aos produtores. A nova versão do PTSR impacta negativamente o mercado de seguros agrícolas, pois “impedirão que muitos produtores rurais de trigo, milho segunda safra, feijão e frutas tenham acesso ao seguro agrícola”, diz o documento da entidade.

RODOBENS CONSÓRCIO

A compra inteligente para suas realizações.

Marley Representações



Representante autorizado

Rodobens Consórcio

(67) 3461-0897 | 9864-2255

Av. Dourados, 72 sala-03 - Naviraí-MS

representante.rodobens.com.br/marleyrepresentacoes

marleyconsorciorodobens@gmail.com



Agricultura familiar fornece 70% do que chega à mesa dos brasileiros

A agricultura familiar tem um grande papel na produção de alimentos no país. Cerca de 70% de tudo que é consumido é produzido por este setor que a cada dia se torna mais decisivo na cadeia produtiva. Em alguns alimentos o pequeno produtor domina a produção, como mandioca (87%), feijão (70%), carne suína (59%), leite (58%), carne de aves (50%) e milho (46%).

Em Mato Grosso do Sul existem em torno de 70 mil famílias agrícolas, sendo a Agraer (Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão

Rural) responsável pelo atendimento de cerca de 31 mil. Os produtos mais comuns no MS são leite (bovinocultura de leite), mandioca e milho. No cinturão verde, o Estado ainda importa em torno de 80% dos produtos de hortícolas. Já nas folhosas é autossuficiente.

Segundo dados da direção da Agraer, o objetivo da instituição, durante a gestão do governador Reinaldo Azambuja, é reduzir a cultura massiva de importação de alimentos primários como frutas, legumes, verduras e peixes. Hoje, 85% dos ali-

mentos que chegam às mesas da população sul-mato-grossense é fruto da negociação com outros estados. Cerca de 70% do peixe consumido vem do Amazonas, Tocantins e Mato Grosso, mesmo com toda água e facilidade que o Mato Grosso do Sul tem. Por isso a Agraer vem promovendo ações desde o início de 2015 para reverter esse quadro.

“Os agricultores familiares produzem 70% dos alimentos da cesta básica do brasileiro. No Mato Grosso do Sul, 80% dos agricultores familiares produzem leite, impulsionando



No Mato Grosso do Sul são 70 mil famílias agrícolas e o índice chega a 85%

a cadeia produtiva do produto. O emprego da mão de obra familiar caracteriza este setor, gerando renda, fixando-o à terra, melhorando sua condição de vida e o bem-estar familiar. Os municípios onde existem muitos agricultores familiares têm sua economia fortalecida e movimenta inclusive a arrecadação”, afirmou José Alexandre Trannin, diretor-executivo da Agraer.

Trannin destaca as ações incentivadas à agricultura familiar realizadas pela Agraer, como entrega de veículos, equipamentos, capacitações

e palestras ministradas por profissionais da agência em exposições e feiras agropecuárias. No pavilhão da Ceasa de Campo Grande, a Agraer conta com um profissional responsável por orientar o produtor a comercializar sem atravessadores dentro da Central.

“Na Ceasa há inclusive um espaço denominado CecaF, que é o Centro de Comercialização da Agricultura Familiar para venda de alimentos, oriundos de pequenas propriedades rurais. Ainda há projetos futuros como a construção de uma Ceasa

em Dourados para facilitar a comercialização de produtos no interior do Estado e a implantação de um escritório da Agraer no município de Aparecida do Taboado, que segue em análise junto a prefeitura”, comenta o diretor executivo, lembrando que a hoje a Agraer está presente no território sul-mato-grossense, por meio de 76 escritórios municipais da instituição e três postos avançados, instalados em distritos.

■ ■ ■ ■ ■

Faturamento da agropecuária aumenta 73% em 10 anos



Entre os cinco estados com maior crescimento, estão dois da região do Matopiba: Tocantins e Piauí

A atividade rural brasileira colheu bons resultados nos últimos 10 anos. De 2006 a 2015, o valor bruto da produção (VBP) da agropecuária cresceu 73%, saltando de R\$ 284 bilhões para R\$ 492 bilhões, segundo a Coordenação-Geral de Estudos e Análises da Secretaria de Política Agrícola (SPA), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Nesse período, o Produto Interno Bruto (PIB) do setor teve aumento anual de 3,7%, acima do PIB da economia, que cresceu 3,3% ao ano. Entre os cinco estados que tiveram maior variação positiva do VBP, dois são do território do Matopiba: Tocantins e Piauí.

Dos R\$ 208 bilhões de crescimento

do VBP, nesses 10 anos, R\$ 128 bilhões se referem às lavouras, ou 64% do total. Em 2006, elas somavam R\$ 186 bilhões e passaram para R\$ 314 bilhões em 2015. Já a pecuária contribuiu com R\$ 79 bilhões, o equivalente a 36%. Em 2006, o VBP do setor era de R\$ 98 bilhões e chegou R\$ 177 bilhões em 2015, conforme os dados apurados pela Coordenação-Geral de Estudos e Análises da SPA.

Numa lista de 24 atividades, 17 apresentaram variação elevada do VBP entre 2006 e 2015. Nesse grupo, o menor aumento do VBP foi o da banana, de 34%, e o maior, o do tomate, de 147%. Tomate, algodão herbáceo, soja, uva e ovos foram os produtos

que mais se destacaram. “Isso se deve ao desempenho da produção e à elevação de preços reais desses produtos”, assinala o coordenador-geral de Estudos e Análises da SPA, José Gasques.

Nesse mesmo grupo de 24 itens, arroz, fumo e café tiveram pequena elevação do VBP nos últimos 10 anos. Outros três – mandioca, feijão, cacau, mamona e laranja – apresentaram queda no valor bruto da produção. “As comparações foram feitas entre os três anos iniciais da década (2006-2008) e os três últimos (2013-2015), o que evita pontos isolados que alterem a interpretação dos resultados”, esclarece Gasques.



Sancorp

A melhor opção para
fazer seguros.

- Safra
- Máq. e Equipamentos Agrícolas
- Automóvel
- Residência
- Escritório
- Consultório
- Transportes
- Empresarial
- Vida
- Garantia Fiança
- Viagem

Oferecemos as melhores condições e opções para proteger o seu patrimônio, operamos com as mais tradicionais seguradoras no mercado.

Estados e regiões

Ainda de acordo com a Coordenação-Geral de Estudos e Análises da SPA, também houve mudanças expressivas na participação das regiões na formação do VBP da agropecuária nesses 10 anos. O Centro-Oeste teve incremento de 21,5% para 27%, o Sul passou de 29,3% para 29,4% e o Norte de 5,3% para 5,4%. Enquanto isso, a contribuição do Sudeste caiu de 31% para 26% e a do Nordeste, de 11,9% para 9%.

Na classificação do VBP por unidades da Federação, entre 2006 e 2015, destacam-se estados do Norte, Centro-Oeste e Nordeste, além do Distrito Federal. Os cinco primeiros colo-

cados são Amapá, DF, Mato Grosso, Tocantins e Piauí. "No caso do Amapá e do Distrito Federal, a base pequena é um dos motivos do elevado aumento do valor bruto da produção", observa Gasques.

Ressalta-se, também, o fato de Tocantins e do Piauí estarem entre os primeiros colocados do ranking do VBP. "Esses dois estados integram, com o Maranhão e a Bahia, o território do Matopiba, que é uma região de grande potencial da expansão agropecuária", enfatiza Gasques. Para ele, também é importante observar que nenhuma unidade da Federação apresentou redução do VBP nesses 10 anos.



Venha nos fazer uma visita!

**Av. Dourados, 72 - sala 3 - Centro
Navirai/MS**
(67) 9900 8883 | (67) 3461 1731
helio@sancorpseguros.com.br

Seguro, só com um corretor de seguros



COP 21:

**Como tornar a
agricultura mais
produtiva e
ambientalmente
correta**

No Brasil, culturas como a da soja poderão ter redução de até 39% em sua área até 2040 por conta da baixa qualidade dos recursos naturais que permitem o plantio. O arroz, o feijão e o milho também sofrerão diminuição na área apropriada para plantação. Nos Estados Unidos, por exemplo, a safra de lúpulos foi afetada no último verão por conta de condições ambientais atípicas, impactando diretamente a produção de cerveja. A alteração nos padrões do clima global, a diminuição de terras cultiváveis e o impacto negativo

na produção de bens básicos de alimentação são indissociáveis.

Segundo a Organização para a Co-Operação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a produção agrícola contribui com mais de 17% do PIB, e com 18% do emprego do Brasil. Também ajuda na geração de energia elétrica do país, com a biomassa resultante das culturas. Aproximadamente 42% da energia de fonte renovável produzida no Brasil são compostas pela biomassa de cana-de-açúcar. Grande parte das alterações nos padrões de cultivo também trará

impactos na ocorrência de doenças, pragas e plantas invasoras.

Estima-se que US\$ 250 bilhões são gastos, anualmente, no combate a espécies invasoras nas plantações em todo o mundo. Só no Brasil, o custo pode chegar a US\$ 100 bilhões por ano. A maior parte dos problemas se relaciona com a extinção de espécies nativas, gerando um desequilíbrio ambiental que impacta diretamente na capacidade de resiliência do ecossistema em questão e na produção de qualquer cultura.

Alta produtividade e baixa emissão

A produção agrícola é considerada a segunda maior fonte emissora de Gases de Efeito Estufa (GEE) como dióxido de carbono (CO₂), metano (CH₄) e óxido nitroso (N₂O), responsáveis pelo aquecimento global. Ainda relacionada ao desmatamento de florestas nativas e à utilização de fertilizantes nitrogenados, a agricultura é responsável por mais de um terço das emissões de GEE no Brasil. Na

tentativa de reduzir e compensar as emissões do setor foi lançado o Plano Nacional para a Agricultura de Baixo Carbono (Plano ABC), contemplado na Política Nacional de Mudanças Climáticas, em vigor desde 2010.

O documento tem como principal objetivo incentivar a agropecuária sustentável por meio do oferecimento de linhas de crédito para cultivos que associam alta produtividade e

baixa emissão de GEE. Também com a intenção de auxiliar os produtores a entender e mensurar seus impactos ambientais, o World Resources Institute (WRI) possui o projeto GH Protocol Agropecuário, uma ferramenta lançada em 2012 e que tem como principal função a contabilização das emissões do setor de forma padronizada.



Documento visa incentivar a agropecuária sustentável com linhas de crédito para cultivos de baixa emissão de GEE

Familiar e mecanizada

Diversas ações podem ser úteis na tentativa de reduzir e compensar as emissões de GEE do setor agrícola. Entre elas está a mecanização do processo de colheita de cana-de-açúcar e de material particulado – partículas que, além de contribuir com o aquecimento global, também prejudicam a qualidade do ar, e têm efeitos negativos na saúde dos habitantes das comunidades próximas às plantações. Isso contribui não só para a redução dos impactos da pro-

dução agrícola como para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Em 2013, 58% das colheitas eram realizadas por meio de máquinas, sem a necessidade de queimadas.

A agricultura familiar é outra proposta para preservar o meio ambiente. O Programa Agroecologia (uma das vertentes do PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) proporciona crédito para pequenos produtores rurais, cuja produção de alimentos tenha bases

agroecológicas e orgânicas, e que cultivem sem o uso de pesticidas e agrotóxicos, equilibrando a relação entre o ser humano e o meio ambiente. O grande desafio dos próximos anos será manter a produtividade aliada ao crescimento sustentável, garantindo os avanços na redução da pobreza e da fome, utilizando tecnologia que potencializa o alcance das necessidades dos seres humanos e que reduz os impactos socioambientais.

■ ■ ■ ■ ■

Mato Grosso do Sul deve registrar números positivos em 2016

VBP da agropecuária em MS deve ultrapassar R\$ 25 bilhões

Ainda resistente aos efeitos da atual crise econômica, a agropecuária em Mato Grosso do Sul deve registrar números positivos em 2016. A previsão do Departamento Econômico do Sistema Famasul - Federação da Agricultura e Pecuária de MS é de que o VBP - Valor Bruto de Produção do setor encerre o próximo ano na casa dos R\$ 25 bilhões, resultado superior aos valores contabilizados nos anos anteriores.

O Valor Bruto da Produção é o resultado da multiplicação das quantidades de produtos vendidos pelos seus preços, ou seja, o faturamento bruto de todas as unidades produtoras, mais os valores de produtos que não são comercializados, mas que tem preços imputados, como por exemplo, autoconsumo dos produtores rurais. O VBP projetado para 2016, de R\$ 25 bilhões, é aproximadamente

11% maior que o patamar apontado para 2015, de R\$ 22,8 bilhões.

Para a gestora do Departamento Econômico do Sistema Famasul, Adriana Mascarenhas, apesar da projeção positiva, o setor poderia ter um desempenho melhor senão fosse a atual conjuntura econômica. "O agronegócio não é imune à crise, porém por ser um setor altamente eficiente e competitivo tem apresentado certa vantagem diante de outros setores e é por isso que continuamos crescendo. É preciso que o produtor fique atento e bem informado já que em 2016 os custos de produção, influenciados pela alta do dólar, devem deixar a margem de lucro mais estreita", salienta.

Em relação a 2014, quando o VBP da agropecuária somou R\$ 20,3 bilhões, o incremento é de 24,5% em comparação ao que é esperado

para 2016. Especificamente para a pecuária, a projeção é que o VBP some R\$ 9,3 bilhões. Enquanto que para a agricultura, o esperado é que o indicador atinja cerca de R\$ 16 bilhões. Os dois segmentos ultrapassarão os números dos anos anteriores, segundo as informações do Sistema Famasul.

A agricultura, composta pelos dados referentes à soja, milho, cana-de-açúcar e silvicultura, responde por 63,2% da formação do VBP, enquanto que o complexo pecuário, que abrange bovinos, leite, aves e suínos, responde por 36,8%.

Outros dados interessantes foram apresentados, como o crescimento da produção por produto. A soja cresceu 16,7%, o milho 10,7% e a cana-de-açúcar 3,55%. Em relação aos preços, também houve crescimento, da soja 5,13%, do milho 5,27% e da cana 3,23%.



USONET

www.usonet.com.br

Isso é internet!



(67) 3461-0602
usonet@usonet.com.br

RUA PANAMÁ, 269
SALA 02 - CENTRO
Naviraí-MS

Coinoculação: alto rendimento e sustentabilidade na soja e no feijoeiro

Lançamento da Embrapa e Total Biotecnologia combina inoculação da semente com bactéria bradirrizóbio e Azospirillum

Referência mundial na utilização de bactérias para a fixação biológica do nitrogênio, produtores brasileiros de soja e de feijão estão ganhando um novo aliado para o aumento de produtividade e da sustentabilidade de seus sistemas de produção. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) está lançando a tecnologia de coinoculação da soja e do feijoeiro, que consiste em combinar uma prática já bem conhecida dos produtores – a inoculação das sementes com bactérias de *Bradyrhizobium* para a soja, ou *Rhizobium* para o feijoeiro – com a inoculação no sulco de semeadura com inoculante à base de *Azospirillum*, uma bactéria até então conhecida por sua ação promotora de crescimento em gramíneas.

A tecnologia foi desenvolvida em parceria com a empresa Total Biotecnologia e já tem o primeiro produto registrado no Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento para essa finalidade, o Azototal Max. “É a primeira vez, em mais de 50 anos, que se recomenda um novo tipo de bactéria para as culturas da soja e do feijoeiro que não sejam rizóbios. É uma tecnologia em sintonia com a abordagem atual da agricultura, que respeita as demandas de altos rendimentos, mas com sustentabilidade

agrícola, econômica, social e ambiental”, comemora a pesquisadora Mariângela Hungria, da Embrapa Soja.

Os estudos conduzidos a campo com o Azototal Max mostram que a coinoculação proporciona vários benefícios, entre eles aumento da área radicular da planta, o que possibilita maior aproveitamento dos fertilizantes e até mesmo favorecer as plantas em situações de estresse hídrico. “A inoculação das sementes com rizóbios é uma prática sustentável que dispensa a adubação nitrogenada na cultura da soja e, total ou parcialmente, também na cultura do feijoeiro. É uma prática que deve ser feita anualmente, para garantir a maximização dos benefícios. Agora está sendo incorporado um novo microrganismo para complementar esse processo e trazer ainda mais benefícios para o produtor e para o meio ambiente”, explica Marco Nogueira, pesquisador da Embrapa Soja.

As pesquisas para desenvolvimento da tecnologia se iniciaram em 2009 e culminaram com a recomendação da coinoculação como nova tecnologia para os sistemas de produção de soja e feijão. “É uma tecnologia com excelente custo-benefício para o produtor”, explica César Kersting, da Total Biotecnolo-

gia. Nos três primeiros anos foram conduzidos nove experimentos em Londrina e em Ponta Grossa, no Paraná. A técnica consiste em inocular as sementes de soja e de feijão com seus respectivos rizóbios e aplicar o *Azospirillum* no sulco de semeadura. Os ensaios seguiram o protocolo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) para avaliação de inoculantes e tecnologias de inoculação, necessários para obter o registro de produtos e tecnologias e também foram apresentados e aprovados em assembleia na Relare (Reunião da Rede de Laboratórios para a Recomendação, Padronização e Difusão de Tecnologia de Inoculantes Microbianos de Interesse Agrícola), fórum específico de pesquisadores e indústrias da área de inoculantes.

A principal comparação foi entre os tratamentos sem o uso de inoculante, com reinoculação anual com *Bradyrhizobium* para a soja e *Rhizobium* para o feijoeiro (práticas recomendadas pela Embrapa) e a coinoculação (rizóbios na semente e *Azospirillum* no sulco). Os estudos confirmaram que a reinoculação anual da soja garante um incremento médio no rendimento de grãos de 3,7 sacas, ou 8,4% em relação às áreas que não são inoculadas anualmente. “Esses são resultados adicionais





às dezenas de outros ensaios conduzidos pela Embrapa que confirmam a importância da reinoculação anual da soja”, explica Mariangela.

A surpresa veio do resultado da nova tecnologia: os ensaios de campo mostraram que, com a coinoculação houve um incremento médio de 7,1 sacas, ou 16,1%, em relação às áreas não inoculadas. No caso do feijoeiro, a reinoculação anual resultou em um incremento médio de 1,6 saca, ou 8,3%, em relação ao tratamento não inoculado, enquanto que a coinoculação com Azospirillum no sulco resultou em um incremento adicional de 3,1 sacas, ou 14,7%. Em relação ao controle não inoculado, a coinoculação de Rhizobium e Azos-

pirillum resultou em um incremento de 4,8 sacas, ou 19,6%, em relação às áreas não inoculadas (saiba mais no quadro abaixo).

A nova tecnologia já está disponível para o produtor e o primeiro produto com registro concedido pelo MAPA pode ser adquirido na empresa Total Biotecnologia. A novidade será lançada no Show Rural Coopavel, de 3 a 7 de fevereiro, em Cascavel (PR) e depois estará presente nas principais feiras agrícolas do país. Mais informações técnicas podem ser obtidas no site da Embrapa Soja (www.cnpso.embrapa.br/coinoculacao) e informações comerciais sobre o produto no site da Total Biotecnologia (<http://www.totalbiotecnologia.com.br>).

Mariangela ressalta que é sempre bom lembrar que essa tecnologia está em plena consonância com as metas do governo brasileiro, no Plano ABC (Agricultura de Baixo Carbono). “Se apenas a fixação biológica do nitrogênio na soja já é responsável por uma economia estimada em mais de 20 bilhões de reais por ano, que deixam de ser gastos com fertilizantes nitrogenados, com o lançamento da coinoculação e considerando também a cultura do feijoeiro, esses números serão ainda mais impressionantes”, destaca, acrescentando que os microrganismos de importância agrícola estão trabalhando para a economia e para o meio ambiente no Brasil.

Informações dos dados de pesquisa:

QUADRO 1. Ganhos médios no rendimento de grãos de soja (média de 4 ensaios) e do feijoeiro (média de 5

ensaios) pela reinoculação anual das sementes com rizóbios e coinoculação no sulco com Azospirillum. Todos os ganhos foram estatisticamen-

te significativos a 5%, em relação ao controle sem reinoculação. Fonte: Hungria et al., *Biology and Fertility of Soils*, 49:791–801, 2013.

Soja		Feijoeiro	
Reinoculação anual com Bradyrhizobium	+ 222 kg/ha (+8,4%)	Reinoculação anual com Rhizobium	+ 99 kg/ha (+8,3%)
Reinoculação anual + Azospirillum no sulco	+ 427 kg/ha (+16,1%)	Reinoculação anual + Azospirillum no sulco	+ 285 kg/ha (+19,6%)

Silvicultura em forte expansão no Brasil



As florestas plantadas têm contribuído de forma expressiva no desenvolvimento e crescimento econômico do País. O setor, que comemora nesta segunda-feira (7/12) o Dia Nacional da Silvicultura, apresentou em 2015 (jan-nov), o saldo acumulado na balança comercial de US\$ 5,3 bilhões. A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) parabeniza a todos os produtores pelo empenho e dedicação no cultivo das culturas florestais.

No Brasil, as culturas que mais se destacam em termos de área plantada são eucalipto e pinus, responsáveis por mais de 7 milhões de hectares plantados em 2014. Os Estados de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Bahia aparecem com as maiores áreas plantadas.

Mundialmente, as florestas plantadas representam 290 milhões de hectares, sendo 5% na América do Sul, e destes, metade estão no Brasil. Para a assessora técnica da Comissão Nacional da Silvicultura e Agrossilvicultura, da CNA, Camila Braga, “esta

porcentagem demonstra o potencial brasileiro na produção florestal, para abastecimento do mercado interno e externo. Dentre os principais destinos, Europa e China aparecem como principais compradores da celulose brasileira. Já a América Latina é o principal destino do papel e painéis de madeira produzidos no Brasil”.

O Setor Florestal e a Silvicultura Brasileira - O Setor Florestal Brasileiro é marcado pela amplitude de indústrias e de produtos, sendo composto, principalmente, por três cadeias produtivas: da madeira industrial (celulose e papel e painéis de madeira reconstituída), do processamento mecânico da madeira (serrados e compensados) e da madeira para energia (lenha, cavaco e carvão vegetal).

É importante ressaltar que o setor é caracterizado pelos produtos madeireiros e não madeireiros, estes destinados ao consumo humano como alimentos, bebidas, plantas medicinais e extratos (frutas, casta-

nhas, mel, dentre outros) e outros como cortiça, resinas, taninos, óleos essenciais, borracha etc.

De todos os segmentos produtivos do setor florestal, os de celulose e papel têm maior expressão, contribuindo de forma relevante para o desenvolvimento do Brasil. A cadeia produtiva deste setor abrange as etapas de plantio, produção, colheita, comércio, distribuição e transporte.

O segmento de madeira reconstituída é composto por uma gama variada de produtos, muito embora os mais conhecidos sejam o MDF (Medium Density Fibreboard), o aglomerado, o OSB (Oriented Strand Board) e as chapas de fibras, destinados à fábrica de móveis, à construção civil, à fabricação de outros produtos e à exportação. Já a indústria do processamento mecânico compreende as serrarias, as produtoras de lâminas para a indústria de painéis, e as produtoras de PMVA (Produtos de Maior Valor Agregado), como portas, janelas, molduras, pisos, dormentes, dentre outros.

■ ■ ■ ■ ■

**COMECE SUA
CONSTRUÇÃO OU
REFORMA NO LUGAR
CERTO E TERMINE COMO
VOCÊ PLANEJOU.**



AQUI VOCÊ ENCONTRA TUDO O QUE PRECISA PARA SUA OBRA.

AV. CAMPO GRANDE, 65, NAVIRAÍ - MS
(67) 3409-7070 | VENDAS@CAMBARU.COM.BR



MARKETING RURAL



Jorge Máquinas - Embolsadora EG450

Está precisando de agilidade e alta performance na hora de armazenar em silo bolsa? A embolsadora de grãos JMEG450 é a solução! Com alta capacidade de armazenagem, ela traz um novo conceito de armazenamento, pois opera utilizando duas bolsas de 9 pés de diâmetro, reduzindo as interrupções. Seu capô com formato oval facilita a colocação da bolsa, além de melhorar sua formação.

informações: <http://jorgemaquinas.com.br>



LS Tractor

A Divisão de Máquinas Agrícolas da LS Mtron tem tecnologia para produzir os tratores mais avançados de suas categorias, com capacidade anual de produção de 50,000 unidades em suas fábricas na Coreia do Sul, no Brasil e na China.

Apresentando para o mercado brasileiro as séries Plus, U, R e G, conta ainda com implementos originais que facilitam a vida do produtor. Toda a linha está disponível na Datta Dourados, revendedor autorizado que atende toda a região.

Informações: <http://www.lstractor.com.br>

copasul

Cooperativa Agrícola Sul Matogrossense



A Copasul está investindo em mais uma área de atuação: a irrigação, contando com uma parceira de peso no mercado, a Valmont fabricante do pivô central Valley, com a maior rede de vendas do mercado nacional. A proposta da Copasul é oferecer a melhor solução de irrigação ao produtor, desde o desenvolvimento do projeto, acompanhamento dos trâmites junto aos processos ambientais, montagem e assistência técnica, com estoque de peças de reposição essenciais e estratégicas, minimizando tempo de atendimento.



Com um portfólio completo de serviços, a Bancorp tem se destacado no mercado de seguros com produtos exclusivos como o Seguro Safra, para máquinas e equipamentos agrícolas, automóveis, residências, escritórios, consultórios, transportes, empresariais, de vida, garantias, fianças, viagem e o que você precisar. Com as melhores condições e opções para proteger seu patrimônio. Opera com as mais tradicionais seguradoras no mercado.

Informações: sancorpseguros.com.br

e-mail: helio@sancorpseguros.com.br



A Rodobens Consórcio faz parte das alegrias e conquistas das pessoas, destacando-se como importante ferramenta ao acesso de milhares de brasileiros a bens e serviços, como: automóveis novos e seminovos, caminhões, imóveis, motos e serviços.

informações:

marleyconsorciorodobens@gmail.com



Com uma gama de serviços à disposição, a PRADODIESEL atende diversas regiões do Estado, sempre buscando o aprimoramento e o aperfeiçoamento de sua equipe, primando pela qualidade e conferindo o mais alto índice de satisfação de seus clientes.

Informações: <http://pradodiesel.com.br>



A dedicação e o pioneirismo transformaram a Busa em uma das empresas brasileiras mais representativas no mercado nacional, com produtos e soluções inovadoras. A caçamba fechada Busa tem o exclusivo sistema hidráulico Roll-on SB-25, que se traduz em versatilidade e economia.

Info: <http://www.busa.com.br>

Cavalheri Representações:

luizcavalheri@outlook.com



Etanol/CEPEA: Consumo e tributação podem sustentar recuperação do setor em 2016

O consumo aquecido no correr de 2015 e os aumentos de preços no acumulado do ano podem representar o início, ainda que de forma gradativa, de uma retomada da rentabilidade do setor



Mesmo com perspectivas de continuidade da crise econômica no País, o mercado de etanol espera cenário um pouco mais positivo em 2016. O consumo aquecido no correr de 2015 e os aumentos de preços no acumulado do ano podem representar o início, ainda que de forma gradativa, de uma retomada da rentabilidade do setor, que há alguns anos amarga custos de produção em alta e prejuízos financeiros. Por outro lado, como há expectativa de crescimento no volume produzido, é preciso planejamento ao longo da safra para manter a cadeia sustentável.

A possibilidade de aumento da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) incidente sobre a gasolina acima dos atuais R\$ 0,10 por litro também é vista como reforço à competitividade do biocombustível (hidratado), que se mostrou vantajoso frente ao derivado fóssil nos postos durante praticamente todo o ano de 2015.

Do lado da oferta, usinas devem continuar priorizando a produção de etanol em detrimento do açúcar na safra 2016/17, que começa ofi-

cialmente em abril do ano que vem. Preliminarmente, a moagem de cana-de-açúcar em 2016/17 no Centro-Sul é estimada entre 615 milhões e 630 milhões de toneladas pela consultoria Agroconsult, o que representaria aumento de até 5% sobre o volume projetado para a temporada atual, de 600 milhões de toneladas.

De abril até a primeira quinzena de dezembro/15, o volume processado de cana também na região Centro-Sul somou 581,3 milhões de toneladas, crescimento de 3% frente às 564,4 milhões de toneladas registradas em igual período do ciclo anterior, conforme a Unica (União da Indústria de Cana-de-açúcar). Em maio, a projeção era de 590 milhões de toneladas para a safra toda, ante as 571,34 milhões de toneladas da temporada anterior (2014/15). A produção de etanol já soma 26,6 bilhões de litros (16,3 bilhões de litros de hidratado e 10,3 bilhões de litros de anidro) também de abril até a primeira metade de dezembro, 3,4% superior à do mesmo intervalo de 2014 (25,7 bilhões de litros). Para a safra completa, a Unica projetava em maio 27,277 bilhões de litros.

Para o início da próxima temporada, o contrato do etanol hidratado na BM&FBovespa com vencimento em maio/16 aponta R\$ 1.455,00/m³ (fechamento de 23 de dezembro/15), 27,4% acima do valor de liquidação do contrato Maio/2015, de R\$ 1.142,00/m³. Vale ressaltar que os efeitos do clima têm importante peso no andamento das atividades da safra e, consequentemente, nos preços.

No front externo, o dólar valorizado frente ao Real deve continuar favorecendo as exportações brasileiras de etanol, tanto em volume como em receita. O setor também espera manter as negociações com o mercado norte-americano. Recentemente, o país anunciou, por meio da Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA), nova regulamentação que estabelece que em 2016 serão misturados 68,5 bilhões de litros de combustíveis renováveis à gasolina em território norte-americano.

De janeiro a novembro deste ano, o Brasil exportou 781 milhões de litros de etanol aos EUA, 13,6% a mais que em igual intervalo de 2014, segundo dados da Secex.



Arara Azul



A arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*), também chamada arara-jacinto, araraúna, arara-preta, araruna, ou simplesmente arara-azul é uma ave da família Psittacidae que vive nos biomas da Floresta Amazônica e principalmente no Cerrado e Pantanal.

Essa espécie está ameaçada de extinção, sendo que as outras espécies de araras-azuis já foram extintas na natureza. Possui uma plumagem azul com uma pele nua amarela em torno dos olhos e fita da mesma cor na base da mandíbula. Seu bico é desmesurado, parecendo ser maior que o próprio crânio. Sua alimentação, enquanto vivendo livremente, consiste de sementes de palmeiras (cocos), especialmente o licuri.

Mede cerca de 98 centímetros de comprimento e pesa 2,0 quilos. A arara-azul-grande atinge a maturidade aos três anos e reproduz entre novembro e janeiro. Faz a postura de dois ovos e a incubação dura cerca de trinta dias. Os filhotes ficam cerca de três meses e meio no ninho, sob o cuidado dos pais, até se aventurarem no primeiro voo. A convivência familiar dura até um ano e meio, quando os filhotes começam a se separar dos pais.

Esta espécie ainda é avistada em três áreas brasileiras e em pequenas partes do território boliviano. A Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Silvestres Ameaçadas de Extinção proíbe sua venda, mas a arara-azul-grande é popular no comércio ilegal de aves. É a maior espécie de arara, algumas chegam a 1,40 m de comprimento. Normalmente costuma comer nozes e frutas (o formato de seu bico contribui para a ruptura da casca de nozes).

■ ■ ■ ■ ■



Engenheiro de Pesca: mercado competitivo e pouco reconhecido



A lei nº 12.820/2013, sancionada pela presidente da república Dilma Rousseff, traz de forma oficial o dia 14 de dezembro como o Dia Nacional do Engenheiro de Pesca. A data escolhida lembra a colação de grau da primeira turma de engenheiros de pesca no Brasil, em 1974, em Pernambuco. O profissional é responsável por analisar, planejar e desenvolver as atividades relacionadas ao cultivo, captura e comercialização de peixes e demais animais aquáticos.

O Brasil abriga 12% da água doce do planeta, um litoral de 8.400 quilômetros de extensão e cerca de 200 grandes reservatórios propícios ao desenvolvimento da piscicultura, conforme estudos do extinto Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA). Ou seja, mesmo o país tendo um potencial enorme para que a produção de pescado, com mais de 20 milhões de toneladas/ano segundo dados das Organizações das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o mercado de trabalho desses profissionais ainda é pouco explorado.

A maior dificuldade que os mais de cinco mil engenheiros de pesca encontram é a falta de reconhecimento da profissão, dando espaço para biólogos, zoólogos e oceanólogos dentro da área. Segundo o presidente da Federação Nacional dos Engenheiros de Pesca (FAEP), Eliseu Brito, temos aproximadamente cinco mil profissionais, mas este número é insuficiente e o mercado é altamente competitivo. “Temos que dobrar o número de profissionais, uma vez que a aquicultura nacional cresce consideravelmente 10% ao ano”, observou.

Eliseu acrescentou que apesar de termos uma grande área de atuação, ainda falta reconhecimento da profissão no mercado. “É preciso profissionalizar os pescadores, para um melhor rendimento e produção.

Acredito que nos próximos 15 ou 20 anos continuaremos crescendo na produção pesqueira. Mas muitos empresários não reconhecem a necessidade de contratar um profissional habilitado para fazer o acompanhamento. Com isso, o mercado fica muito restrito e os profissionais sofrem com a baixa remuneração”, frisou o presidente e finalizou: “hoje os salários dos engenheiros de pesca variam entre R\$ 2 mil e R\$ 5 mil”.

Hoje, o Nordeste é a região brasileira que tem um dos maiores potenciais do país, oferecendo boas perspectivas de trabalho, principalmente nas áreas de aquicultura e no processamento de pescado, mas também existem boas oportunidades na pesquisa e produção de alevinos (filhotes de peixe). Outra área de atuação que tem apresentado crescimento é a de fazendas de criação de peixes que exigem a presença do Engenheiro de Pesca. A legislação brasileira prevê um profissional habilitado como responsável técnico para atuar nas indústrias pesqueiras.

Engenheiro de Pesca - A formação em engenharia de pesca é uma habilitação que integra a área das ciências agrárias e qualifica, em nível superior, profissionais para a intervenção técnico-científica em aquicultura, pesca e tecnologia do pescado, bem como em atividades de pesquisa e extensão na área de biotecnologia e demais serviços voltados à aquicultura e pesca, constituindo-se, desta maneira, em uma área que intervém na realidade com base científica própria. Desta maneira, o engenheiro de pesca deve ser um profissional capaz de entender com clareza a dinâmica da realidade em que atua, para que possa propor efetivamente atividades que transformem o quadro atual dos produtores, industriais e pesquisadores envolvidos com atividades de pesca da região.

Existem cinco mil profissionais engenheiros de pesca, mas número é insuficiente para um mercado competitivo



Exportações de leite em pó caem 60% em dezembro

Venezuela faz cair balança comercial de produtos lácteos brasileiros

A balança comercial de produtos lácteos teve um déficit de 6.724 toneladas em dezembro, volume 18 vezes maior que o apresentado em novembro. Em valores, a balança de lácteos voltou a ter saldo negativo: enquanto em novembro houve um saldo positivo de US\$14,27 milhões, em dezembro houve um déficit de US\$ 12,1 milhões.

O maior volume das exportações

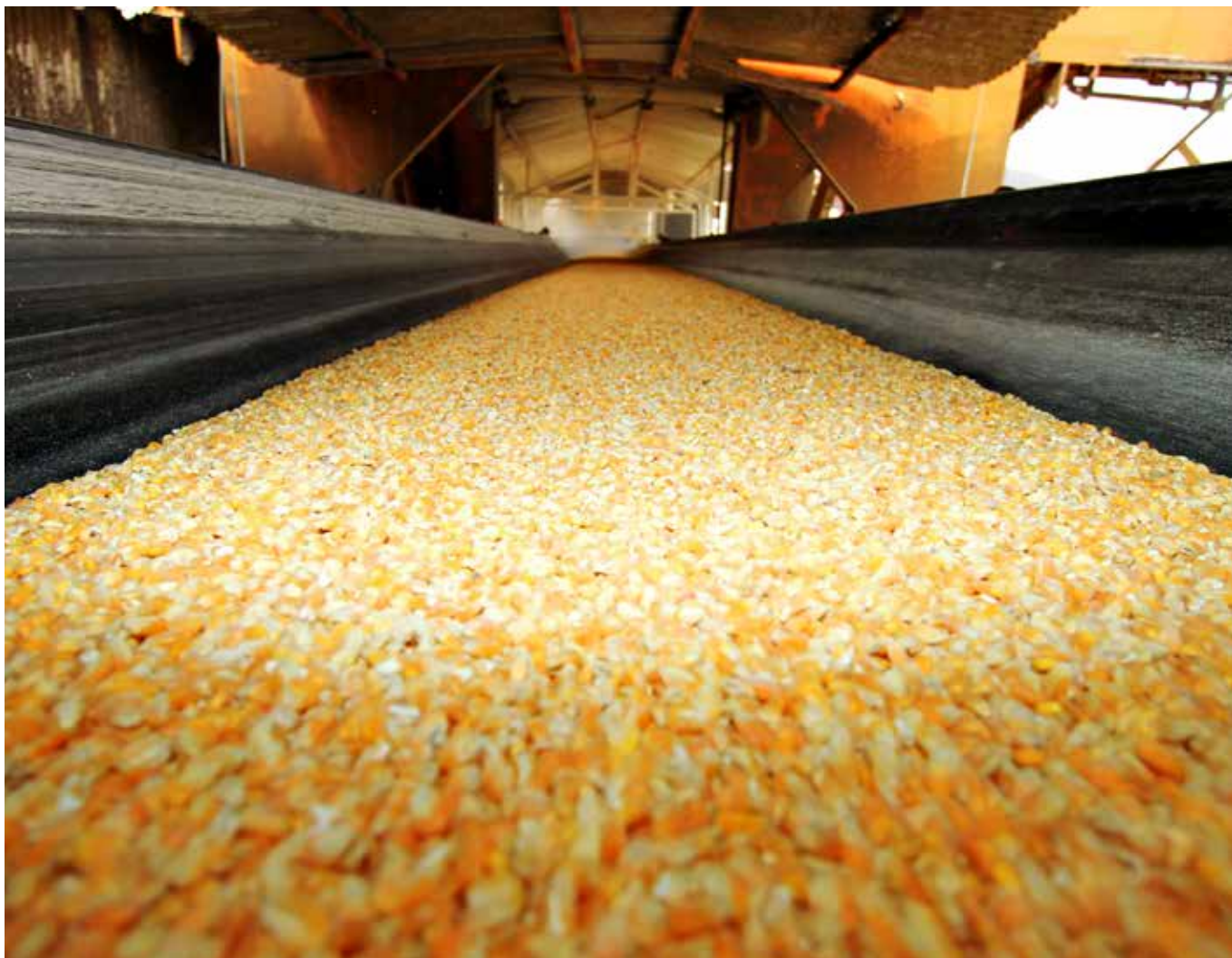
foi de leite em pó integral, com pouco mais de 2.200 toneladas exportadas a um preço médio de US\$ 5.433/ton, com grande parte do volume destinado ao mercado venezuelano.

Analisando as quantidades em equivalente-leite (a quantidade de leite utilizada para a fabricação de cada produto), a quantidade importada foi de 100,4 milhões de litros em dezembro, alta de 23% em rela-

ção a novembro. Por outro lado, as exportações em equivalente-leite tiveram baixa de 50,2%, totalizando 33,23 milhões de litros.

De janeiro a dezembro deste ano, o déficit acumulado da balança comercial de lácteos em equivalente-leite foi de cerca de 562 milhões de litros, mais do que o triplo do déficit apresentado ao longo de 2014, que foi de 162 milhões de litros.

Recorde nas exportações brasileiras de milho



Em dezembro de 2015 o Brasil exportou 6,27 milhões de toneladas de milho, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Em relação a dezembro de 2014, houve aumento de 84,1%.

Foi o maior volume mensal já embarcado. Para uma comparação, a média em 2015 foi de 2,40 milhões de toneladas exportadas por mês.

No acumulado de janeiro a dezembro de 2015, o país exportou 28,90 milhões de toneladas, 40,0%, ou 8,26 milhões de toneladas a mais que em 2014.

O volume anual também foi recorde, superando as 26,70 milhões de toneladas exportadas em 2013.

A expectativa é de que as vendas continuem aquecidas nestes primeiros meses de 2016.

A disponibilidade de milho no mercado brasileiro é boa e o dólar valorizado em relação à moeda brasileira deve continuar influenciando positivamente as exportações.


Com relação aos preços, a expectativa é de mercado firme e não estão descartadas altas no mercado interno em curto prazo.

■ ■ ■ ■ ■

Fonte Original: Scot Consultoria



OMC define acordos com regras mais justas para o comércio agrícola internacional



As conquistas obtidas na última reunião Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Nairóbi, foram importantes para o comércio agrícola mundial e serão capazes de promover regras mais justas e transparentes para as trocas internacionais. Dentre os principais resultados da Conferência, segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), está a proibição imediata da concessão de subsídios às exportações pelos países desenvolvidos e, até 2018, pelas nações em desenvolvimento. Uma verdadeira batalha que, segundo a CNA, vinha sendo travada há muitos anos e ganhou maior relevância desde o compromisso assumido na Conferência de Hong Kong, em 2005, que exaltava a eliminação desses subsídios.

Finalmente, pontos estratégicos e conflitantes foram acertados, de forma consensual, pelos países membros da OMC. A Confederação reconhece, ainda, o esforço do governo brasileiro durante os debates, fator fundamental nos resultados finais obtidos na Conferência de Nairóbi.

Exportações e crédito rural – Outros temas também mereceram a atenção da CNA em relação aos resultados da reunião Ministerial. Foi o caso, por exemplo, das questões relacionadas ao financiamento das exportações de bens agrícolas com o uso de recursos oficiais e da regulamentação sobre a sustentabilidade

do seguro de crédito.

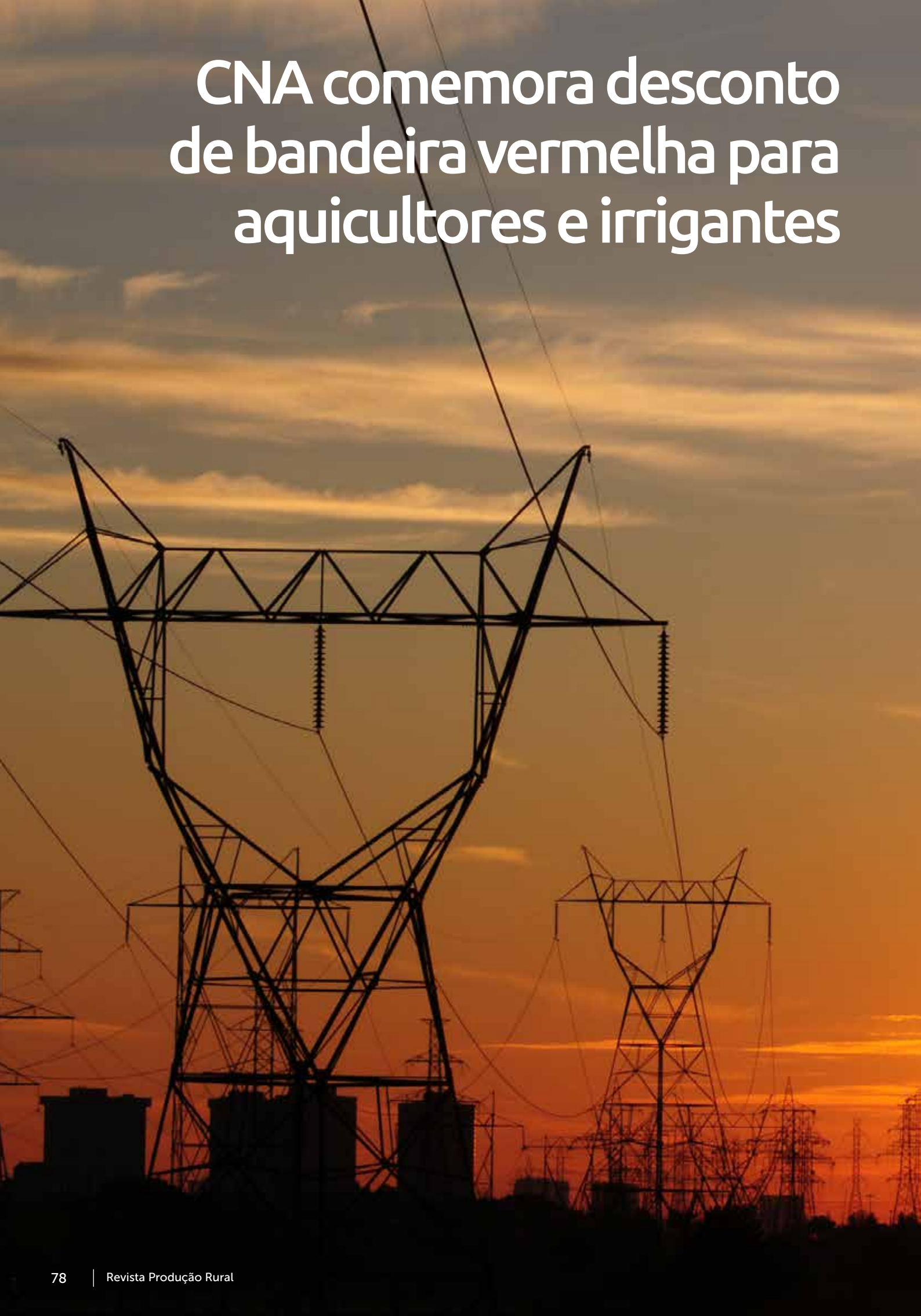
Esses temas afetam a competitividade do produtor brasileiro, quando usados à revelia, e a normatização dos mesmos terá grande relevância porque permitirá uma concorrência menos desleal nas trocas agrícolas, assinala ainda a Confederação.

Questões não resolvidas - Algumas questões estratégicas, no entanto, na opinião da CNA, não foram resolvidas em Nairóbi. Dois temas fundamentais para a agricultura continuaram sem acordo: acesso a mercados e apoio doméstico. Muito embora a Declaração Ministerial de Nairóbi convoque os membros a continuar os debates sobre os temas remanescentes da Rodada Doha - dentre eles os dois pilares agrícolas que ficaram à margem dos resultados - é preciso tratá-los como prioridade para que sejam alcançados os objetivos de desenvolvimento previstos no mandato original da rodada, demonstra a CNA.

Para a agricultura brasileira, as conquistas obtidas na reunião realizada no Quênia representam, de fato, o começo de um trabalho capaz de eliminar, de uma vez por todas, as distorções que ocorrem sistematicamente no comércio internacional de bens agropecuários. A CNA vai seguir impulsionando e apoiando o governo brasileiro nesse grande desafio de garantir um fluxo de comércio internacional mais justo e equilibrado entre as nações.

■ ■ ■ ■ ■

CNA comemora desconto de bandeira vermelha para aquicultores e irrigantes



A Comissão Nacional de Aquicultura da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) comemorou a vitória de um antigo pleito do setor agropecuário: o desconto na cobrança da bandeira vermelha das contas de energia elétrica da aquicultura e irrigantes em todo o país. A lei 13.203/2015 foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff. A bandeira vermelha é aplicada a todos os usuários de energia elétrica desde janeiro de 2015. A medida aumenta em R\$ 4,50 o custo da energia por cada 100 kWh (quilowatts-hora) consumidos.

De acordo com a assessora técnica da CNA, Lilian Figueiredo, a retirada dessa tarifa é uma reivindicação do setor, pela qual a Confederação se dedicou muito para conseguir. No entanto, observou Lillian, é preciso ainda avaliar quando a retirada da bandeira vermelha terá efetivamente reflexo nas contas de energia, considerando que sua cobrança, sem o desconto, está pesando nos custos dos produtores. “Somente após esta avaliação é que poderá ser feita uma reflexão mais embasada nos efeitos da medida”, frisou.

Para o coordenador da Comissão Nacional de Sustentabilidade da CNA, Nelson Ananias, a intensificação do uso de insumos agropecuários e irrigação influenciam em 59% na produção de alimentos. “Hoje o Brasil tem uma área irrigada de seis milhões de hectares. No entanto, tem áreas potencialmente irrigáveis de 47 milhões de hectares”, observou. Ele acrescenta que a agricultu-

ra irrigada é de extrema importância para o Brasil e para mundo, principalmente levando-se em conta que o nosso país deve ocupar, em futuro breve, posição de destaque entre os principais países produtores de alimentos, na expectativa da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO).

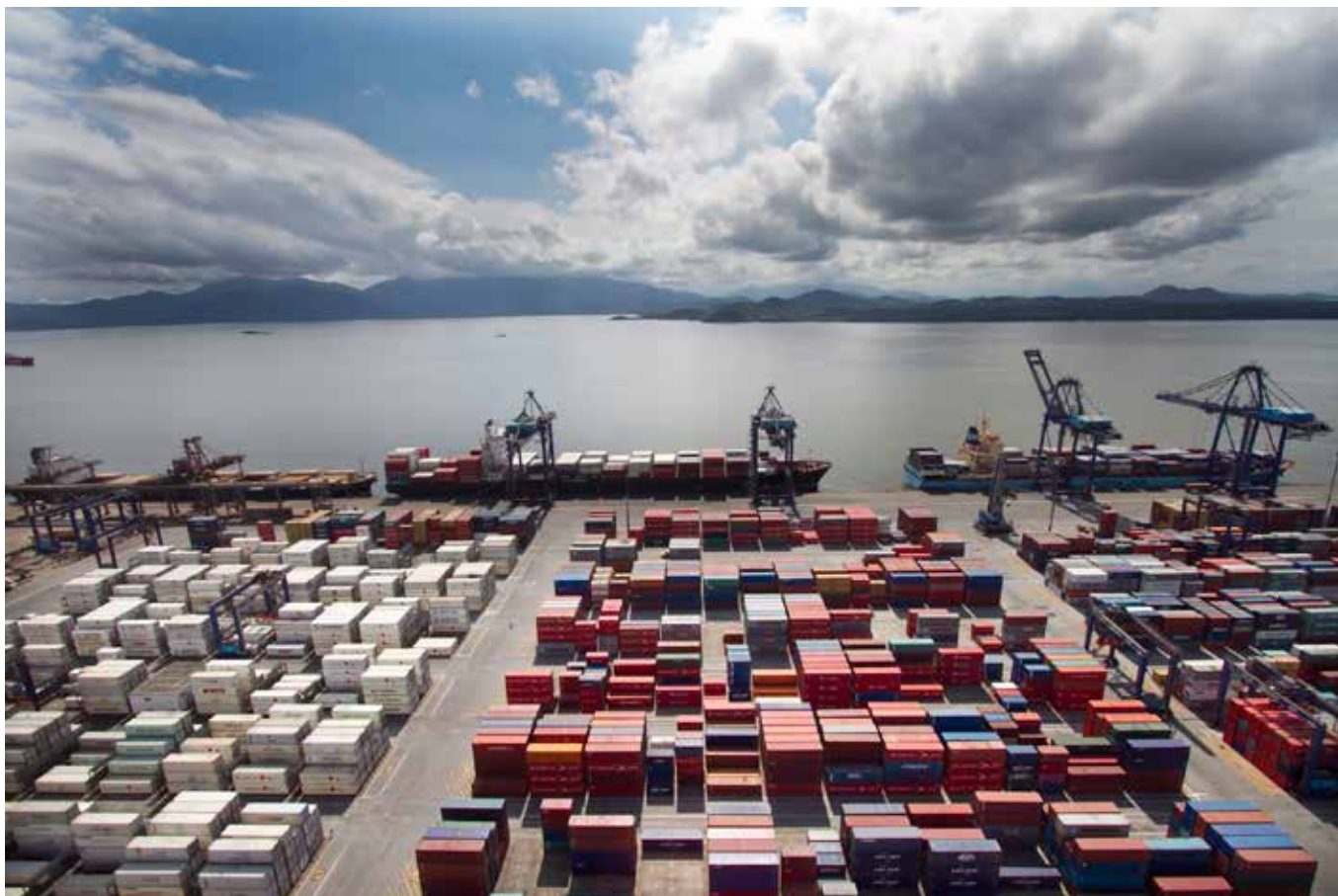
De acordo com a entidade, será necessário aumentar a produção de alimentos em 70% até 2050, período em que a população mundial ganhará mais 2,3 bilhões de habitantes. “Temos área, insolação e água. Só precisamos coordenar o uso eficiente destes fatores, possibilitando a duplicação da área irrigada nos próximos 10 anos, fazendo frente ao desafio de se produzir mais no mesmo espaço e possibilitando um crescimento estimado de R\$ 17,5 bilhões no valor bruto da produção (VBP) do setor”, finalizou.

O sistema irrigado, (técnica utilizada na agricultura que tem por objetivo o fornecimento controlado de água para as plantas em quantidade suficiente e no momento certo, assegurando a produtividade e a sobrevivência da plantação), tem apenas 5,6 milhões de hectares de área colhida, com R\$ 19,59 bilhões no VBP e R\$ 4.278,86 o valor do hectare. “Apesar da área de sequeiro ser maior, o sistema irrigado tem potencial para crescer em 47 milhões de hectares, gerando um VBP de R\$ 152 bilhões. A área irrigada gera 110% mais valor bruto da produção que a de sequeiro”, comentou Nelson Ananias.

■ ■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■ ■

Sem impostos de exportação agropecuária na Argentina, produtor brasileiro enfrentará maior concorrência em curto prazo



Eliminar totalmente as tarifas de exportação de carne bovina (15% para 0%), trigo (23% para 0%) e milho (20% para 0%), além da redução do percentual cobrado sobre a venda de soja dos atuais 35% para 30%. Essas são as promessas do novo presidente da Argentina, Mauricio Macri, voltadas à reestruturação de sua economia e ao reestabelecimento de relações exteriores que andavam enfraquecidas. Para a Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), as medidas podem afetar os preços internacionais desses produtos no curto prazo. No entanto, em longo prazo, as ações trarão bons frutos para as relações bilaterais, a exportação brasileira e para o Brasil.

Segundo a responsável da Superintendência de Relações Internacionais

da CNA, Alinne Oliveira, atualmente a Argentina tem US\$ 11,4 bilhões de dólares em estoque de soja, milho e trigo. “Em um cenário de preços baixos, a retirada dos impostos incentivará a venda dos estoques e o aumento da produção argentinos, consequentemente haverá maior oferta, o que pode deixar os produtos ainda mais baratos. A princípio, esse impacto será negativo para o exportador brasileiro”, observou.

No entanto, comenta Alinne Oliveira, depois do impacto inicial, as medidas adotadas por Macri serão positivas para o Brasil e o Mercosul. “A Argentina terá um melhoramento econômico, refletindo em todo o bloco. Assim, as políticas comerciais terão um melhor alinhamento e novos acordos comerciais poderão ser

concluídos, abrindo outros mercados para o Brasil”, frisou. A superintendente de Relações Internacionais da CNA explica que esse fato pode equilibrar a competição e ampliar a abertura de novos mercados para o Brasil, uma vez que a Argentina é um grande importador de produtos manufaturados brasileiros.

Outro aspecto positivo, de acordo com a CNA, é o fato de Brasil e Argentina poderem se unir para conquistar grandes mercados que exigem escala de exportação como China, Rússia e Norte da África. “Tudo isso pode ocorrer se o novo presidente conseguir cumprir suas promessas eleitorais, uma vez que o congresso argentino é da era Kirchner”, finalizou Alinne Oliveira.

■ ■ ■ ■ ■

ARRASTAR DE PÉS

O silêncio é total, quando de repente ouço um barulho, começo a prestar atenção e o som começa a ficar mais acentuado, é um arrastar de pés, é alguém que carrega em si um peso, quando se aproxima vejo que não consegue levantar os pés para caminhar, a idade castiga seu corpo, mas em contrapartida valoriza sua alma. Quando senta e começa a conversar, demonstra como o tempo foi generoso, carrega em si uma sabedoria infinita, queria poder ter todo o tempo do meu tempo para ouvir, para aprender, sentir todos seus momentos vividos, poder absorver seus con-

teúdos, seus sofrimentos e com isso tornar minha vida mais fácil. Carrega sobre seus pés muita cultura, muita sabedoria, mesmo não tendo estudo. Seus pés não levantam, não porque não aguenta, é porque sua bagagem de vida é grande demais.

Sabedoria e inteligência não se aprende em bancos escolares, se desenvolve com a vida, caráter indelével, exemplo de vivência, tudo isso sobre seus pés. Correr não tem como, mas correr por quê? Correu demais ao longo da vida, agora caminhar a passos lentos, desfrutar de cada momento e contemplar o passado. Orgulho de cada dia vivido, arrependimento? Nenhum, passou fazendo o bem, construindo uma descendência de pessoas honestas, deixando um rastro límpido e claro.

Os pés se arrastam, mas em contrapartida, as mãos deslizam num caderno, onde narra sua trajetória, seus percalços, sentimentos e opiniões. Seria perfeito se todos arrastassem os pés, seguindo seu exemplo, o caminhar seria lento mas teríamos com certeza um mundo justo e famílias unidas.

Seus pés já foram ágeis, já percorreram uma longa estrada, mas nunca

deixou ninguém pra trás, carregou sempre sobre eles uma história, uma lida dura e sofrida, sempre teve a seu lado um outro par de pés que lhe incentivava, que não deixava esmorecer nas subidas e o encorajava quando a estrada estava cheia de pedregulhos, juntos foram fortes, juntos sofreram, riram, foram pés parceiros, amigos e pés apaixonados.

Hoje os pés estão cansados, cansados de tanto labutar, de buscar realizações para os sonhos, em compensação, esses mesmos pés podem repousar tranquilos sobre uma bela almofada, porque são pés vencedores, os sonhos foram alcançados, mas quem quer parar? Parar não, os pés vão devagar, mas os sonhos a conquistar são muitos ainda.

Tenho muito orgulho de saber que meu caminhar sempre foi guiado pelos vossos passos, sinto confiança no pisar, pois onde coloco meus pés, vocês pisaram primeiro, para deixar o caminho limpo para não machucar os meus.

O legado que você nos proporciona é enorme e o orgulho que sinto de ti é maior ainda, por isso inflo meu peito para dizer ARRASTE SEUS PÉS MEU PAI...

Vera Lúcia Palacio Antonini é empresária e acadêmica de Direito e nas horas vagas gosta de escrever crônicas



AGENDA RURAL 2016

JANEIRO

Dias 20 a 22

Showtec

Local: Fundação MS

Maracaju-MS

FEVEREIRO

Dias 4 e 5

Curso Produz

Local: ABCZ – Av. Gury Marques, 6094

Campo Grande-MS

MARÇO

Dias 11 e 12

Tecnoagro

Local: Fundação Chapadão

Chapadão do Sul-MS

Dia 14

21º Leilão Merconelore

Local: Parque de Exposições de Ponta Porã

Ponta Porã-MS

Dias 14 a 22

Exporã

Local: Parque de Exposições Alcino Pereira

Ponta Porã-MS

ESTAR NO CAMINHO DE QUEM FAZ QUESTÃO DE ECONOMIA. **ISSO É 10.**

Encontre as facilidades
e o custo-benefício que
a sua viagem precisa. Seja
a trabalho ou a lazer, escolha
a melhor rede da hotelaria
econômica do Brasil.

O mesmo padrão de estrutura e serviços. *Isso é 10.*

- | | | | | | | | |
|---|--|---|---|---|---|--|---|
| 
CAFÉ DA MANHÃ
CORTESIA | 
1 OU 2 CAMAS
DE CASAL | 
WI-FI GRATUITO | 
RESERVAS
ON-LINE | 
AMBIENTES
CLIMATIZADOS | 
ESTACIONAMENTO
COM VIGILANTE
NOTURNO | 
APTOS PARA
PORTADORES DE
NECESSIDADES | 
ANIMAIS DE
ESTIMAÇÃO
BEM-TRIVINDOS |
| 
APARTAMENTOS
COM LAMINADO
DE MADEIRA | 
JANELAS COM
TRATAMENTO
ACÚSTICO | 
MINI
REFRIGERADOR | 
BANHEIRO
PRIVATIVO
COM PIA EXTERNA | 
TV LCD 32"
COM CANAIS
VIA SATELITE | 
COFRE
ELETRÔNICO | 
FECHADURAS
ELETRÔNICAS | 
CIRCUITO
FECHADO
DE TV |
| | | | | | 
LOJA DE
CONVENIÊNCIA | | |



Fique bem.

www.hotel10.com.br

APARECIDA DE GOIÂNIA - GO • BLUMENAU - SC • CURITIBA - PR • DOURADOS - MS • ITAJAÍ - SC • JOINVILLE - SC
PONTA GROSSA - PR • SÃO LEOPOLDO - RS • UNIÃO DA VITÓRIA - PR | EM BREVE: PALMAS - TO



LÍDER **14** ANOS

NAVICAR

DESDE 1995



TODA LINHA FIAT OKM

PEÇAS GENUÍNAS

VEÍCULOS SEMINOVOS COM GARANTIA

SEGURO PARA O SEU VEÍCULO

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA

SERVIÇO DE GUINCHO 24H

CONSÓRCIO



NAVIRAÍ
(67) 3409-2700

NOVA ANDRADINA
(67) 3441-1629

Concessionária



NAVICAR. 20 ANOS DE CONFIANÇA CONQUISTADA.